UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LUCAS VAGNER OLIVEIRA DE ARRUDA

DIVERSIDADE CULTURAL: PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS QUE EDUCAM O CORPO

CÁCERES-MT

2023

LUCAS VAGNER OLIVEIRA DE ARRUDA

DIVERSIDADE CULTURAL: PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS QUE EDUCAM O CORPO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador professor Dr. Alceu Zoia

CÁCERES-MT

2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Divisão de Biblioteca da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

Arruda, Lucas Vagner Oliveira de.
DIVERSIDADE CULTURAL: PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS QUE EDUCAM O CORPO / Lucas Vagner Oliveira de Arruda. - Cáceres, 2023.
78f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso, PPGEDU UNEMAT, CÁCERES -MT.
Orientador: ALCEU ZOIA E JONATHAN STROHER.

1. PRÁTICAS CORPORAIS. 2. CULTURA. 3. DIVERSIDADE. I. STROHER, ALCEU ZOIA E JONATHAN. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 37.02

LUCAS VAGNER OLIVEIRA DE ARRUDA

DIVERSIDADE CULTURAL: PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS QUE EDUCAM O CORPO

Dissertação de Mestrado aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, para obtenção do título de Mestre em Educação.

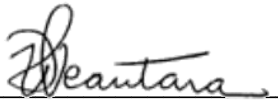
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alceu Zoia - Orientador
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT



Prof.ª Dr.ª Juliana Guimarães Saneto - Avaliadora Externa
Universidade Federal do Espírito Santo – UFEB



Prof.ª Dr.ª Waldineia Antunes De Alcantara Ferreira - Avaliadora Interna
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

APROVADA EM: 25/08/2023.

Dedico esta dissertação aos meus orientadores Alceu Zoia e Jonathan Sthoher.
Sou grato por acreditarem nesta pesquisa e fazer com que a mesma fosse possível de ser realizada.
Grato pela paciência, pelos puxões de orelhas, pelas mensagens motivacionais, que me tornaram capaz, forte e pronto.
Também dedico a minha mãe, sei que para enfrentar esta empreitada, tem muito das suas orações para me fortalecer e me manter de pé.

Minha gratidão é voltada primeiramente para Deus, conhece os meus problemas, sabe das minhas falhas e meu coração.

Desde o início desta empreitada científica ele permitiu que eu chegasse até aqui, foram diversas as vezes que pensei em desistir, teve lágrimas, mas também teve sorrisos, teve encontros.

Momentos que guardarei na memória. Gostaria também de agradecer a minha família, aos meus amigos, aos meus atletas e a mim mesmo.

"O homem não teria alcançado o possível se,
repetidas vezes, não tivesse tentado o impossível."
(*Max Weber****)***

RESUMO

Esta pesquisa, intitulada “Diversidade cultural: práticas corporais indígenas que educam o corpo”, vincula-se ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, Mestrado em Educação (PPGEdu), linha de pesquisa: Educação e Diversidade da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), campus Cáceres/MT. Pelas portas da cultura e da diversidade, este escrito tem como objetivo pensar/falar com e a partir dos acadêmicos do curso de pedagogia intercultural indígena da Faindi/Unemat, localizada na cidade de Barra do Bugres-MT. As práticas corporais dos povos indígenas foram constituídas ao longo do tempo e são resultados de processos de luta, exclusão, superação, cura e liberdade, que foram marcados em seus corpos construindo a sua identidade e expressando a sua cultura. Esta pesquisa buscou compreender através das vozes destes acadêmicos a constituição dessas práticas corporais e a importância delas em sua formação. Assim escolhemos como colaboradores para esta pesquisa, acadêmicos de povos distintos afim de trazer a diversidade dessas práticas corporais, tais como Munduruku, Haliti-Paresi, Mehinako, Yudja, Xavante, Rikbaktsa e Kayabi. Os colaboradores foram entrevistados em dois momentos, o primeiro momento, devido a pandemia, foi realizado através da plataforma WhatsApp e o segundo presencialmente na própria Faindi/Unemat. As análises visaram compreender como ocorriam essas práticas, para assim concluirmos a importância delas para a cultura desses povos, nos aspectos religioso, orgânico, intelectual, afetivo e emocional e são através destas dimensões que se constitui a identidade desses povos. Compreenderemos aqui que o corpo e a cultura constituem o ser, e que os povos indígenas possuem essa diversidade de práticas corporais que educam seus corpos e são contribuidores para sua formação humana. Através destes diálogos buscamos trazer contribuições sobre a diversidade cultural, interculturalidade, corpo e educação, questionar saberes já existentes e com isso trazer novas reflexões sobre esta temática. Pela ciência iniciamos a empreitada de estudar o povo indígena, para enaltecer e respeitar esta cultura que merece mais protagonismo, e que esses estudos possam contribuir para a afirmação étnica de cada povo.

Palavras-Chave: Práticas Corporais; Cultura; Corpo; Diversidade.

ABSTRACT

This research, entitled “Cultural diversity: indigenous bodily practices that educate the body”, is linked to the Stricto Sensu Postgraduate Program, Masters in Education (PPGEdu), line of research: Education and Diversity at the State University of Mato Grosso (Unemat), Cáceres/MT campus. Through the doors of culture and diversity, this writing aims to think/speak with and from the academics of the indigenous intercultural pedagogy course at Faindi/Unemat, located in the city of Barra do Bugres-MT. The bodily practices of indigenous peoples were constituted over time and are the result of processes of struggle, exclusion, overcoming, healing and freedom, which were marked on their bodies, building their identity and expressing their culture. This research sought to understand, through the voices of these academics, the constitution of these bodily practices and their importance in their formation. Therefore, we chose as collaborators for this research, academics from different peoples in order to bring out the diversity of these bodily practices, such as Munduruku, Haliti-Paresi, Mehinako, Yudja, Xavante, Rikbaktsa and Kayabi. Employees were interviewed in two moments, the first moment, due to the pandemic, was carried out via the WhatsApp platform and the second in person at Faindi/Unemat itself. The analyzes aimed to understand how these practices occurred, so that we could conclude their importance for the culture of these peoples, in the religious, organic, intellectual, affective and emotional aspects and it is through these dimensions that the identity of these peoples is constituted. We will understand here that the body and culture constitute the being, and that indigenous peoples have this diversity of bodily practices that educate their bodies and contribute to their human formation. Through these dialogues we seek to bring contributions about cultural diversity, interculturality, body and education, question existing knowledge and thus bring new reflections on this topic. Through science, we began the task of studying the indigenous people, to praise and respect this culture that deserves more protagonism, and that these studies can contribute to the ethnic affirmation of each people.

Keywords: Body Practices; Culture; Body; Diversity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
1.1 Resgate de memórias 12
1.2 Reflexões na graduação 14
1.4 O mestrado 16
2 CAMINHOS DA PESQUISA 22
2.1 Aproximação com a temática 25
2.2 Objetivos 25
2.3 Procedimentos de coletas de dados e escolha dos participantes da pesquisa 23
3 POVOS INDÍGENAS: CORPOS, CULTURAS E A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL 30
3.1 A relação entre corpo e cultura para os povos indígenas 30
3.2 A Educação Intercultural e a valorização das práticas corporais indígenas 37
4 A UNEMAT E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS 49
4.1 A formação de professores em Mato Grosso e a criação da Faindi 49
4.2 O curso de Pedagogia Intercultural Indígena 54
5 A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS CORPORAIS PARA OS ACADÊMICOS DA FAINDI 57
5.1 Os Povos indígenas participantes do estudo 58
5.2 A diversidade de práticas corporais indígenas dos estudantes da Faindi 61
5.3 A importância das práticas corporais para a cultura indígena e para a formação acadêmica na Faindi 65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 71
REFERÊNCIAS 75
APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista I 78
APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista II 79

1 INTRODUÇÃO

Este escrito com a temática “Diversidade cultural: práticas corporais indígenas que educam o corpo” trata-se de uma dissertação de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), construída a partir da linha de pesquisa Educação e Diversidade. É pelas portas da diversidade e da cultura que exibiremos os caminhos desta pesquisa e as propostas que trilhamos para atingir os objetivos propostos.

Falar da cultura e da diversidade, especificadamente quando se refere aos povos indígenas, tem sido uma temática imprescindível devido aos tempos que estamos vivendo, um período que podemos chamar de transição de um governo marcado por diversas ações contrárias aos povos indígenas, para um novo governo, democrático e de reconhecimento da diversidade, o que sugere um movimento político que possibilita a ampliação dessas vozes historicamente silenciadas no Brasil[1]. A proposta central desta dissertação é pensar/falar com e a partir dos povos indígenas que estudavam no curso de Pedagogia Intercultural da Faculdade Intercultural Indígena da Unemat (Faindi/Unemat), delimitando como enfoque as práticas corporais que educam seus corpos em contextos étnicos diversos e que se encontram em um tempo-espaço de formação profissional em que estão se preparando para ocupar o cargo de professor(a) em suas comunidades.

Com o intuito de contextualizar a aproximação com a temática e trazer os aspectos que foram fundamentando a construção do problema dessa pesquisa, inicialmente farei um resgate do meu contexto histórico, apresentando os principais momentos que me trouxeram a esta empreitada científica junto indígenas da Faindi/Unemat, me tornando um pesquisador e defensor desta causa.

1.1 Resgate de memórias

As memórias que fizeram me aproximar deste foco de investigação teve início no ano de 2009. Em meio as inúmeras indecisões de um jovem, cursando seu último ano do ensino médio, sob pressão da realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e de

[1] No governo que se inicia em 2023, o presidente Luís Inácio Lula da Silva criou o inédito Ministério dos Povos Originários, tendo como ministra Sonia Guajajara, primeira deputada federal indígena do Estado de São Paulo e a primeira indígena a ocupar um ministério.

vestibulares, me recordo que uma das últimas atividades do ano escolar foi um projeto interdisciplinar chamado Etno cultura Mato Grossense. O projeto se realizava todos os anos e era mediado pelos professores da área de linguagens e com os alunos do terceiro ano, a proposta tinha como objetivo conhecer os diversos aspectos da cultura indígena presentes no estado de Mato Grosso.

Com este propósito, eram necessários estudos sobre os conceitos de cultura e sobre a diversidade indígena, que entre outros conhecimentos auxiliavam os estudantes na elaboração de cartazes, maquetes, decoração de salas temáticas, apresentações de danças e músicas. O projeto visava trazer esses conceitos para o âmbito escolar e apresentar os trabalhos produzidos para alunos de outras escolas, pais e responsáveis, enfim toda a comunidade era convidada a participar das apresentações que se realizavam na escola e que tinham como foco a questão da diversidade.

Naquele ano, que por ventura foi muito especial, tivemos a participação na escola do povo indígena Umutina[2], residentes no município de Barra do Bugres-MT, cidade próxima de Diamantino-MT, local onde eu morava na época. A grande maioria do povo Umutina ali presente eram jovens, e para nós foi uma interação única. Me recordo que havia muita resistência de nossa parte na aproximação e na interação com estes jovens, creio que são essas as primeiras manifestações de emoções quando interagimos com uma cultura diferente da nossa. Neste momento fui percebendo que os indígenas eram livres e interativos, éramos nós que nos sentíamos envergonhados ou mesmo intimidados na presença deles. Este sentimento permaneceu apenas nos primeiros momentos, pois com o passar do tempo já era possível ver uma aproximação mais evidente e menos estereotipada, especialmente no momento em que jogamos voleibol e na formação dos times, pois logo foi sugerido diversificar as equipes, mesclando os jogadores entre indígenas e não indígenas.

Para além das memórias já construídas historicamente, algumas inquietações começaram a surgir durante a realização e participação neste projeto. Muitas curiosidades vinham à tona e eu me indagava muito e queria saber sobre como era a vida dos alunos indígenas na aldeia, os seus costumes, as suas brincadeiras, os jogos e as danças, ou seja,

[2]O Povo Umutina, historicamente, pertencia ao município de Diamantino e com o processo de colonização pelos não indígenas, eles foram obrigados a se deslocar do seu local étnico de origem. Além do povo Umutina, outros povos indígenas também foram expulsos deste mesmo território como os Kayabi, os Pareci e os Bakairi). O povo Umutina atualmente reside na Terra Indígena Umutina em Barra do Bugres-MT.

como seus corpos eram constituídos e educados para as atividades do dia a dia na comunidade?

Entre essas experiências dentre os aspectos da cultura do movimento humano, da diversidade e da cultura, a escolha para com o curso de educação física que já era pensada foi fortalecida. Neste sentido, último ano do ensino médio foi marcante por conta dessas escolhas, estava mais que convencido a cursar educação física. Entre práticas de danças e práticas esportivas finalizei o ensino médio, atento às faculdades que ofertassem o curso de educação física.

1.2 Reflexões na graduação

Foi somente no ano de 2014 que adentrei os muros da Unemat no campus localizado na cidade de Diamantino-MT, e estar na minha cidade natal, fazendo o curso que sempre sonhei era a realização de um sonho. A vida acadêmica foi corrida e desafiadora, as propostas de estudos mais intensas fizeram com que me empenhasse a aprender o máximo. Dentre todas as disciplinas ofertadas na graduação as que eram direcionadas à saúde exigiam maior esforço de minha parte, as quais eu não tinha tanto interesse, esta área da educação física era algo que não mexia comigo, meu maior empenho sempre foi nas disciplinas mais ligadas à educação, consequentemente eram nestas áreas que eu tinha mais facilidade e êxito. Tinha na minha cabeça já definido que queria ser professor de educação física em escola, e fiel aos meus desejos, busquei na universidade mais formação para explorar a fundo todos esses conhecimentos.

Foi na universidade, em meio a tantas disciplinas e tantas outras situações da vida adulta, que me encontrei pressionado, mesmo estando no curso tão sonhado, algumas angústias surgiram, contudo, sempre era correspondido e motivado pelas práticas ali vivenciadas. Sempre fui ligado a diversidade, e tive experiência com diferentes tipos de danças, entre elas expressões e coreografias de danças indígenas.

A vivência e o trabalho com meu corpo e o corpo daqueles que estavam junto comigo, em projetos interdisciplinares das escolas em Diamantino, em festivais de danças, me levaram a sentir, respeitar e observar a forma com que cada cultura representa seus movimentos. Então, o corpo que expressa, que faz parte de uma diversidade cultural esteve longe nas discussões da universidade, de fato houve a negação do corpo como corporeidade que expressa sentimentos, cultura e emancipação da subjetividade.

Este conhecimento esteve distante e/ou pouco trabalhado na construção do aprendizado do corpo em suas diferentes manifestações nas universidades. Principalmente observando sua manifestação no aspecto corporal, tais como nas danças, a forma como cada cultura e seus movimentos expressavam a sua identidade, e isso foi algo que sempre me estimulou a compreender e pesquisar, mas eu ainda não compreendia estes aspectos conceitualmente, e senti falta dessa discussão na universidade, pois de fato não tive esse momento de aprendizado.

Algumas disciplinas se aproximavam de uma discussão sobre o que seria a diversidade, e as expressões do corpo, mas era tudo tão vago e nada se aprofundava e assumo que em meio ao ritmo eu "dancei conforme a música". Dançar conforme a música, significa que meu corpo acompanhou aquele ritmo, porém, a dança me trouxe dores, porque a coreografia não se adequava aos movimentos do meu próprio corpo. Tratava-se de um corpo diverso, na diversidade das culturas, porque os corpos não são iguais, eles têm estéticas próprias e seus próprios movimentos.

Nessa perspectiva, é importante que os cursos de educação física reconheçam as diversidades culturais de corpos no mundo, que se expressam em diferentes atividades e que também são corpos de identidade e de expressão de culturas. No que se refere às etnias indígenas presentes principalmente em nosso estado, se faz necessário conhecer os diferentes grupos do estado de Mato Grosso, ou seja, reconhecer essa diversidade que se manifesta nos mais variados grupos que aqui residem.

Trago, portanto, Fleuri (2018) para partilhar seu pensamento sobre a necessidade de reconhecer esta diversidade:

> O reconhecimento da diversidade cultural admite diferentes enfoques. Assim, os termos multi ou pluricultural indicam uma situação em que grupos culturais diferentes coexistem um ao lado do outro sem necessariamente interagir entre si (FLEURI, 2018, p.40).

Conforme Fleuri (2018) nos explica, a diversidade cultural representa essas particularidades das distintas culturas, tais como seu modo de falar, de viver, de se alimentar, seus rituais religiosos, sua organização política, familiar e afins. São as características de um grupo ou povo que podem e são expressadas pelos corpos que estão no mundo e em relação ao mundo. Muitas vezes não ocorre a interação entre os diferentes grupos culturais, mas, no que se refere à formação de educadores neste campo, conhecer e reconhecer a diversidade e

os corpos em suas manifestações culturais é o caminho pluricultural para a tentativa de um encontro intercultural necessário.

1.4 O mestrado

Após finalizar a graduação e me inserir no mundo do trabalho, senti a necessidade de continuar os estudos. Por este motivo, me inscrevi para a vaga de mestrado no PPGEDU/Unemat. Diante das mais variadas temáticas possíveis de desenvolver a pesquisa, assumo que tinha dúvidas sobre qual escolher para aprofundar meus conhecimentos, sabendo que algo que se refere as manifestações do corpo era o que me atraia. No entanto, a área da diversidade já era ligada ao meu ser, e a temática indígena foi algo que me tocou profundamente desde o ensino médio com o primeiro contato com o povo Umutina e que ali me despertou diversas interrogações.

A aprovação no programa de mestrado foi uma grande surpresa, tendo em vista que esta era minha primeira tentativa. É necessário descrever que meu corpo e eu ficamos perdidos. No início do curso me senti bastante deslocado, pois as discussões ali travadas eram algo que eu não estava familiarizado. Mas a empreitada do mestrando é isso, desafios, desconstruir o que se pensa que sabe para (re)construir e (re)aprender novos conceitos, novos conhecimentos, como a fenomenologia, tema abordado nas primeiras aulas, onde compreendi se tratar de um pensamento filosófico organizado como método de pesquisa que busca valorizar o ser pelas características do existir em um determinado tempo e lugar, pelo sentir e pelas manifestações da cultura, o qual eu nunca ouvira falar. Além de conceitos e pensamentos filosóficos, meu corpo imergiu em outras aprendizagens para compreender a historicidade da educação da sociedade, e o porquê de se fazer ciência. Esses conhecimentos /pensamentos/conceitos eram quase inéditos para o meu vocabulário e forma de pensar o mundo e o meu corpo nesse mundo. Porém compreendi que eram necessários para a construção da pesquisa.

Desta forma o meu corpo fez a dança da iniciação dentro da espreitada científica em busca da compreensão de pensamentos e epistemologias que auxiliassem nesse entendimento dos mais variados conceitos, tais como cultura, diversidade, decolonialidade, interculturalidade e outros para uma empreitada científica a fim de entender e relacionar estes com o tema de pesquisa escolhido. Sendo assim, buscamos em autores a compreensão de conceitos tão importantes como cultura (GEERTZ, 2018; MAUSS, 1974), corpo (GRANDO,

2004; DAÓLIO, 1995; NOBREGA, 2016; SOARES, 2021), educação intercultural (FLEURI, 1999) e educação indígena (ZOIA, 2009, MATTOS, 2005; KAWAKAMIL, 2019)[3].

A construção da problemática desta pesquisa se iniciou na construção do pré-projeto, porém, o amadurecimento e a organização das ideias para a pesquisa ocorreram durante as aulas do primeiro semestre do mestrado. Com os professores e mestrandos que estudavam as questões indígenas criamos um grupo de estudos que ocorria todas as terças e quintas. O grupo de estudo tinha como missão promover discussões, partilhas de ideias, leituras de artigos e obras, elaboração dos trabalhos das disciplinas do mestrado, que iam ao encontro da temática indígena. Os encontros também serviam para que pudéssemos construir os caminhos da dissertação.

Foi a partir desses momentos formativos, junto aos professores mediadores deste grupo de estudo e que também atuam na Faindi, sendo um deles o meu orientador, que surgiu a aproximação com a Faculdade Indígena Intercultural, ligada ao Campus Universitário Deputado Renê Barbour, da Unemat, do município de Barra do Bugres-MT.

A Faindi tem como objetivo oferecer cursos de graduação (licenciatura e bacharelado) para alunos indígenas, formação continuada para professores indígenas e cursos de pós-graduação *Lato Sensu e Stricto Sensu*. E atualmente ainda é responsável pelo CLAM-Centro de Línguas Ameríndias e pela Revista *Taka'a*, essa é uma palavra da língua materna do povo Myky que significa conhecimento, sabedoria.

Nas conversas, leituras e discussões no grupo, os professores e colegas partilhavam de as suas vivências com os acadêmicos e comunidades de diversos povos do estado de Mato Grosso. As leituras, discussões e experiências compartilhadas fizeram com que sentisse curiosidade em desenvolver estudo e pesquisa junto aos acadêmicos da Faindi. Foi durante este grupo de estudos que meu orientador me fez a proposta de fazer o estágio docência na Faindi com a turma de Pedagogia Intercultural indígena. Tendo essa possibilidade de estagiar com esses acadêmicos indígenas e assim interagir com eles, iniciei o processo de estudos para início dessa interação.

O início da busca de informações passou por diversas fases até enfim chegar no ponto principal, pois de fato “o pesquisador muitas vezes se perde para poder se encontrar”. E durante o estágio docência na Faindi, em um grupo coletivo com os acadêmicos, estagiários e professores através da plataforma *WhatsApp*, os alunos indígenas mandavam fotos, vídeos e

[3]Os conceitos de cultura, corpo, educação intercultural e educação indígena) serão explorados nas seções seguintes desta dissertação.

áudios expressando suas culturas, identidades e rotinas ou até mesmo do que estavam fazendo naquele determinado momento. As fotos e os vídeos evidenciam os corpos e a corporeidade manifestada em cultura, com pinturas, danças, etc. Me recordo de um dia em que alguns dos acadêmicos estavam fazendo uma refeição em celebração e o prato servido era macaco assado, e lembro que de um povo para outro eles comentavam que macaco assado era muito bom. Para mim, algo distante da minha cultura, foi uma situação inédita, contudo se fazia necessário como pesquisador entender esses costumes e meu corpo aos poucos foi compreendendo com toda sua inteireza que as diferenças se tratam de diferenças e não de desigualdades ou de superioridades, nas culturas.

As interações com os acadêmicos indígenas foram ocorrendo através do estágio, e por ser da área da Educação Física, busquei falar de coisas que se associavam com a minha formação, voltando a especificidade das práticas corporais realizadas pelos estudantes indígenas. Neste momento alguns questionamentos surgiram, tais como: como era o seu cotidiano na aldeia? Qual a importância dos rituais? E isso ia ficando cada vez mais evidente que as diferenças estão presentes entre os povos indígenas e que suas manifestações variavam de uma etnia para outra, apagando de vez a ideia de que ‘índio é tudo igual” e passei a identificar as marcas das diferenças, não da desigualdade.

Com isso as provocações foram surgindo no intuito de compreender qual a importância do corpo na sua comunidade? Como se educavam corporalmente? Que práticas corporais utilizam em sua rotina? E como nas aulas da escola indígena utilizava essas práticas? Essas práticas corporais são importantes para a sua formação como profissionais? Essas eram algumas das muitas indagações que surgiam durante esse processo de interação no estágio docência. Este momento se fez necessário para encaminhar os rumos da construção da dissertação.

Nesta empreitada, contamos com as partilhas dos alunos da Faindi do curso da Pedagogia Intercultural Indígena, na especificidade das distintas práticas corporais em cada contexto étnico. A pesquisa, desta forma, visa promover a visibilidade das práticas corporais indígenas dos acadêmicos da Faindi, a fim de que, com o desenvolvimento desses estudos, possamos contribuir para com a divulgação destas práticas e como elas colaboram na formação desses sujeitos. É uma tarefa importante para que possamos explorar outros campos da educação e fazer com que essas práticas possam ser apresentadas e torná-las conhecidas. Defendo a necessidade de explorar a temática da diversidade com enfoque nos povos

originários, tendo em vista que essas pesquisas possam ser contadas diversas vezes sobre os olhares de outros pesquisadores.

Para então compreender a relação dos povos indígenas com o corpo, se faz necessário um estudo da historicidade do corpo e da cultura, pois a educação do corpo é particular entre as distintas culturas, e o processo civilizatório fez com que o corpo recebesse diversas transformações, ao longo dos tempos.

Entendemos que a cultura dos povos indígenas ocupa um espaço de importância na formação do povo brasileiro, pois trata-se da cultura que vivia e prosperava nestas terras. Povo que possui uma relação com todas as manifestações da natureza, a chuva e o sol, a lua e as estrelas, e tudo o que a natureza ofertava, o povo indígena respeita como sagrado, as leis da natureza, por sua crença e pela origem de seu povo. Para então compreender a relação dos povos indígenas com o corpo, se faz necessário um estudo da historicidade corpo, pois a educação do corpo é um elemento que precisa ser tratado de modo particular entre as distintas culturas.

A história do corpo passou por diversos processos educativos, e dentre tantas transformações foram geradas diversas manifestações e expressões corporais. A educação do corpo é bem particular da cultura do indivíduo, portanto podemos dizer que o corpo fala através de seus movimentos e essas expressões contam uma história. E se de fato alguma cultura específica tem uma longa história a contar são os povos ameríndios que habitam esse território. Povos que tiveram suas terras invadidas pelos portugueses e sua cultura desconsiderada desde então, passando pelo processo de catequização pelos padres jesuítas, ignorando todas as formas de pensar que diferia do pensamento europeu. O conhecimento dessas culturas se faz necessário para a compreensão da formação da identidade do povo brasileiro, em especial dos diversos povos indígenas.

Neste sentindo é importante investigar como se constituíram as práticas corporais indígenas diante a tantos acontecimentos. Foram momentos de repreensão, de luta e de muito sofrimento. A cultura é a história de um povo, e um povo sem cultura seria como se a sua passagem pela vida fosse oculta ou inexistente.

Dessa forma, falar da cultura dos povos indígenas é um assunto amplo e de uma riqueza infinita, pois tratam-se de fatores sociais, políticos e éticos. Portanto, questionar tantos acontecimentos, ainda que nos emocione e nos traga revolta, revela a luta pela manutenção da cultura e da educação diante de tantas estruturas políticas e sociais que atualmente ferrem seus

direitos. Precisamos nos juntar para buscar soluções para esses dilemas, problemas e conflitos sociais.

Algumas atrocidades do governo passado precisam ser destacadas tais como o tratamento realizado durante a pandemia causada pela Covid-19, onde tivemos baixa testagem e o desprezo com o isolamento social e quarentena da sociedade brasileira neste período pandêmico, o desestímulo do uso de máscaras, atrasos na compra de vacinas e o próprio desestímulo à vacinação, dentre outras atrocidades. Um governo que não respeitava as minorias, não respeitava as comunidades tradicionais, nem o meio ambiente que é fundamental para todos nós, mas de forma particular o tratamento dispensado aos povos originários para com a cultura indígena, tendo em vista que suas culturas se alicerçam significativamente nos elementos da natureza.

A construção desta pesquisa expressa o meu interesse na busca de compreender/conhecer sempre mais sobre os povos originários, contudo vejo que é uma necessidade para a sociedade perceber a importância da valorização, do cuidado, da interação dos povos indígenas.

Portanto, essa investigação se faz necessário, para que a mesma possa gerar discussões pertinentes a respeito das práticas corporais indígenas, tendo em vista que os acadêmicos participantes da pesquisa são de diversos povos indígenas do estado de Mato Grosso. Assim precisamos compreender alguns contextos em que vivem e de como é a vida desses povos em suas aldeias, as suas relações, seus afazeres, os rituais extremamente importantes para o seu povo. Todos esses estudos são importantes para a compreensão da historicidade do povo brasileiro.

Neste sentindo é importante investigar como se constituíram as práticas corporais indígenas diante a tantos acontecimentos. Foram momentos de repreensão, de luta e de muito sofrimento. Dentre tantas referências para trilhar esse caminho de busca por conhecimentos outros, no apoiamos em alguns autores, tais como: Brandão (2019), Daólio (1995), Mauss (1974), Kawakamil (2019), Grando (2004) Nóbrega (2016), Soares (2021), Saviani (2018) e entre outros estudados.

Falar da cultura dos povos indígenas, é um assunto amplo e de uma riqueza infinita, são fatores sociais, políticos e éticos, portanto, questionar tantos acontecimentos, ainda que emotiva ou nos traga revolta, revela a luta pela manutenção da cultura e da educação diante de tantas estruturas políticas e sociais que atualmente ferrem seus direitos.

Por fim depois desses grifos constituímos a situação-problema desta dissertação: Quais sentidos e significados são dadas as práticas corporais dos acadêmicos no curso de Pedagogia Intercultural da Faindi?

Ao entrevistar os alunos da Pedagogia Intercultural Indígena e investigar as suas práticas corporais, como elas educam seus corpos e como se relaciona com os alunos da Faindi para mim foi um grande desafio e para compor esse texto. Neste sentido, para a elaboração final deste trabalho, os caminhos da pesquisa foram divididos em cinco seções.

Na sequência desta dissertação apresento a segunda seção trazendo os processos metodológicos que constituem essa pesquisa; na terceira seção temos como objetivo apresentar os conceitos que nos embasam teoricamente e que nos auxiliaram a observar os dados coletados na pesquisa; na quarta seção apresentamos o curso de Pedagogia Intercultural e a Faindi, *lócus* da pesquisa; por fim, a quinta e última seção apresenta os dados coletados, os resultados alcançados e as entrevistas com os sujeitos.

Todas as seções buscaram responder a situação-problema desta dissertação em como as práticas corporais indígenas educam os corpos, e como os mesmos entendem essas práticas para a sua vida.

2. CAMINHOS DA PESQUISA

Esta seção visa apresentar os percursos metodológicos utilizados nesta dissertação, justificando a sua inserção na área das pesquisas que versam sobre a diversidade, em especial, os estudos que tematizam a cultura dos povos indígenas na Educação.

Quando nos propomos a produzir novos conhecimentos sobre a realidade indígena nos pautamos, como já enunciado neste trabalho, em experiências acumuladas como professor no interior de Mato Grosso e em espaços de intercâmbio cultural com estes povos. Seja no contato inicial, numa simples visita a aldeia ou mesmo no acompanhamento das atividades desenvolvidas junto ao curso de Pedagogia Intercultural, durante o período de estágio docência do curso de mestrado, ou mesmo nas demais atividades desenvolvidas "pós estágio" com os quais passamos a manter contatos.

Com isso, nossa problemática nasce da necessidade de responder à questão central que nos propomos a investigar: Quais sentidos e significados são dadas as práticas corporais dos acadêmicos no curso de Pedagogia Intercultural realizado na Faindi?

Recorrer ao estudo bibliográfico e documental são recursos necessários e fundamentais, pois são eles que balizaram o marco teórico que conduziram a pesquisa e são fonte do conhecimento científico e sistematizado que nos põe em contato com temas que permearam a pesquisa, entre eles educação, cultura, identidade, alteridade, jogo, interculturalidade, futebol e práticas esportivas, corporeidade, sustentabilidade, movimentos sociais e políticas públicas.

Escolhemos nos apoiar em alguns autores tais como Gil (2002), Minayo (2007) e Cardoso Oliveira (2000), Bogdan e Biklen (1994) e Lüdke e André (1986), que nos ajudarão nessa caminhada com a pesquisa qualitativa estruturada na base conceitual da interpretatividade, utilizando-nos de recursos etnográficos, análise de documentos, registros, reuniões, imagens e acontecimentos.

A pesquisa qualitativa nos possibilitou desenvolver uma abordagem mais adequada para a busca dos resultados esperados. Neste sentido, Minayo (2007), aponta para o trabalho com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A autora nos fornece instrumentos que colaboram na compreensão quando utilizamos de citações diretas para esclarecer opiniões, pontos de vista e experiências dos participantes. Neste sentido Bogdan e Biklen (1994) nos auxiliaram na abordagem permitindo descrever um fenômeno em

profundidade através da apreensão de significados nos estados objetivo e subjetivo dos sujeitos.

São características da pesquisa qualitativa buscar resultados, bom como a compreensão de fenômenos, a explicação desses fenômenos, apresentar os dados reais através das investigações, coletas e entrevistas. Desta forma entendemos que a pesquisa qualitativa seria a melhor escolha para conduzir os parâmetros desta dissertação e com isso responder a problemática proposta.

Sendo assim, esta pesquisa se enquadra no tipo de pesquisa qualitativa conforme explica Gerhardt e Silveira (2009):

> As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.34).

A pesquisa qualitativa exige do pesquisador algumas capacidades, tais como o estudo ampliado sobre o determinado tema, na perspectiva de como esse tema afeta a sociedade, sendo necessário para isso a realização de um bom trabalho de campo. Completa Gerhardt e Silveira (2009):

> Entretanto, o pesquisador deve estar atento para alguns limites e riscos da pesquisa qualitativa, tais como: excessiva confiança no investigador como instrumento de coleta de dados; risco de que a reflexão exaustiva acerca das notas de campo possa representar uma tentativa de dar conta da totalidade do objeto estudado, além de controlar a influência do observador sobre o objeto de estudo; falta de detalhes sobre os processos através dos quais as conclusões foram alcançadas; falta de observância de aspectos diferentes sob enfoques diferentes; certeza do próprio pesquisador com relação a seus dados; sensação de dominar profundamente seu objeto de estudo; envolvimento do pesquisador na situação pesquisada, ou com os sujeitos pesquisados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.34).

A partir dessa compreensão, nos alinhamos ao pensamento de Gil (2002) quando nos explica que para se realizar uma pesquisa o pesquisador poderá seguir duas razões. A primeira é de ordem intelectual, que conversa de acordo com o desejo do pesquisador de conhecer pela própria satisfação. E a segunda que é de ordem prática que se alinha de acordo com o desejo de elaborar uma pesquisa de uma maneira mais clara e eficiente. Sendo assim, apresentamos a definição de pesquisa segundo Gil:

> Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema (GIL, 2002, p.17).

Através destas características tive a ajuda necessária para poder responder a problemática desta pesquisa, com os conceitos estudados e com as informações dos colaboradores da pesquisa, os acadêmicos do curso da pedagogia intercultural. E com isso fechamos o tipo de pesquisa desta dissertação, a pesquisa exploratória que se aproxima das características e dos objetivos propostos.

> Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições (GIL,2002, p.41).

A partir das dimensões explicadas por Gil (2002), compreendemos que esta dissertação se caracteriza como uma pesquisa exploratória, pois busca a resolução da situação-problema, assim como o aprimoramento de ideias, envolvendo levantamentos bibliográficos e, ao mesmo tempo, tomando como sujeitos colaboradores desse processo os acadêmicos do curso de Pedagogia Intercultural Indígena da Faindi. Nesse sentido, a partir das vivências e das análises dos dados levantados no caminhar desta pesquisa, buscamos trazer uma compreensão para o leitor sobre a temática estudada, por meio da resolução dos objetivos que orientam o nosso fazer investigativo.

Este escrito busca apreciar e avaliar conteúdos científicos sobre as temáticas das práticas corporais Indígenas e seus significados em um contexto específico de formação humana, como é o caso da Faindi. Ao pesquisarmos o conhecimento já produzido e divulgado no que se refere a educação do corpo por meio das práticas corporais, a interculturalidade, a ciência e a historicidade indígena, temos com intenção ampliar os saberes sobre as práticas corporais indígenas como uma aprendizagem fundamental na formação de novos professores que atuarão no âmbito das escolas indígenas, no estado de Mato Grosso.

Visamos compreender que pesquisar e conhecer se dá através da necessidade de contribuir para o crescimento da ciência, para a educação e para a divulgação da cultura. Desta maneira, temos como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com o que foi dito, escrito e publicado sobre determinado assunto buscando conectar as informações colhidas no processo investigativo, a fim de trazer as essências que compuseram a construção

desse trabalho, no que se refere aos sentidos e significados individuais-coletivos das práticas corporais indígenas (MARKONI; LAKATOS, 2007).

2.1 Aproximação com a temática.

O encontro do pesquisador com a temática da pesquisa “Diversidade Cultural: práticas corporais indígenas que educam o corpo” se deu a partir da curiosidade em conhecer e compreender novas culturas, e sendo que a cultura indígena teve um marco muito grande na minha juventude, provocando em mim diversas interrogações a respeito dos povos originários. Também se deu em compreender melhor como se dão os processos de formação desenvolvidos na FAINDI após minha experiência no estágio docência.

O interesse da pesquisa também se deu pela trajetória de vida acadêmica e na necessidade de desenvolver pesquisas que me ajudassem a compreender melhor essa relação que se estabelece entre o corpo e os significados de seus movimentos. Pelas práticas corporais de danças e esportivas que vem sendo desenvolvidas desde a minha infância ate os dias de hoje.

2.2 Objetivos

Tivemos nesta pesquisa o nosso objetivo geral buscar compreender as práticas corporais indígenas e as relações dessas práticas com a cultura a partir das vozes dos estudantes do curso de Pedagogia Intercultural. E como nossos objetivos específicos buscamos alguns conceitos para melhor responder esta problemática. Sendo assim buscamos: identificar nas vozes dos estudantes da pedagogia indígena como são vivenciadas as práticas corporais e culturais em suas comunidades; identificar elementos de prática corporal cultural indígena no currículo do curso de Pedagogia Intercultural; assim como, apresentar a Faindi e suas dimensões através do curso de pedagogia intercultural indígena, onde entrevistamos os colaboradores da pesquisa para a construção da argumentação para responder a problemática. Através desta pesquisa buscamos colaborar com a ampliação dos conhecimentos sobre esta temática para assim dar mais evidência a cultura dos povos originários.

2.3 Procedimentos de coletas de dados e escolha dos participantes da pesquisa

Como procedimentos de coleta de dados, adotamos uma pesquisa qualitativa tendo como campo de construção de dados as aulas realizadas no período de estágio e as conversas individuais estabelecidas a partir deste primeiro contato com os que aceitaram participar da pesquisa.

Segundo Minayo (2007) no desenvolvimento desse tipo de pesquisa é possível nos colocar diante dos sujeitos com os quais buscamos respostas para nossas perguntas. Oportuniza ainda conhecer a realidade a partir da lógica e da cultura do outro, nos permitindo ter o sentido dos fatos e das relações entre eles.

Dos procedimentos adotados, destacamos as entrevistas, os registros de fotos, as imagens analisadas, a análise documental e conversas que ocorreram por conta de minha estada junto com os acadêmicos do curso de pedagogia intercultural indígena no período de elaboração de suas apresentações dos TCC.

O contato efetivo com os sujeitos desta pesquisa teve início com a possibilidade de realizar o estágio docência no curso de Pedagogia Intercultural Indígena na Unemat, em Barra do Bugres/MT. Sendo assim, iniciamos a jornada no dia 24 de janeiro de 2022, dentro da disciplina de Educação para a Transversalidade ministrada pelo professor Alceu Zoia e pela professora Rosane Duarte Rosa Seluschinesk no curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural da Faindi/Unemat. Tal escolha se deu em função do foco da disciplina abordar temas pertinentes ao problema de pesquisa e que se aproximavam mais da construção da dissertação, trazendo os conceitos de interculturalidade, multiculturalismo, diversidade, colonialidade, dentre outros.

Os participantes desta pesquisa são todos acadêmicos do referido curso. O principal critério para a escolha dos acadêmicos foi a aproximação entre pesquisador e os colaboradores, feitas em parceria com o professor que ministrava a disciplina referida anteriormente, através das interações e trocas de informações durante o estágio de docência da disciplina. Com o convite realizado a todos os acadêmicos, desenvolvemos a pesquisa com aqueles que aceitaram participar.

Nesse sentido, foram feitas as primeiras abordagens com os acadêmicos, explicando os objetivos da pesquisa, bem como o porquê da entrevista e se eles concordariam em colaborar com a construção do trabalho. Após os aceites, recebemos os contatos e iniciamos as primeiras abordagens que ocorreram em dois momentos.

O primeiro contato se deu em função do estágio docência, ação necessária dentro do programa de mestrado, assim também pelo fato de nesta empreitada o fato de eu ser bolsista

de estudos da Capes, que possibilitou uma maior entrega nestas vivências e interações. Essa dinâmica foi sendo estabelecida durante o período pandêmico o que fez com que não fosse possível realizar os encontros de maneira presencial em sala de aula, como desejávamos. Por este motivo, a disciplina ocorreu de maneira remota, por meio da plataforma *Google Meet.* A turma contava com 40 alunos matriculados, mas em função das dificuldades de acesso, muitos não conseguiam comparecer nas aulas.

Ainda neste primeiro contato, durante as discussões eram sempre possíveis fazer contribuições, e o professor sempre estimulava os alunos a participarem, e ao longo das aulas os alunos se sentiam mais à vontade para expor suas opiniões dentro das unidades a serem discutidas. Através destas análises já era possível selecionar alguns dos entrevistados. O principal critério para a escolha dos colaboradores da pesquisa, foi a aproximação entre pesquisador e colaborador, através das interações trocas de informações, desta forma facilitava o convite para a participação com a pesquisa.

O convite para participar da pesquisa foi feito a todos os alunos, no entanto acabamos trabalhando com aqueles que se dispuseram a participar.

No andamento da disciplina, ocorreram as primeiras interações com os acadêmicos. Estas se deram através de discussões, leituras e apresentações de seminários, momentos em que os professores estimulavam os alunos a participarem. Este movimento serviu como os primeiros vestígios para identificar quem poderia ser os possíveis colaboradores para realização desta pesquisa.

A escolha dos colaboradores desta pesquisa ocorreu através das primeiras interações realizadas durante este estágio docência, desde minha apresentação, os estudos dirigidos, as discussões nos seminários, até a finalização do estágio. Desta forma foi possível escolher quais acadêmicos poderiam contribuir com a pesquisa. Convidamos aproximadamente 12 acadêmicos, contudo das primeiras coletas de dados até a finalização trabalhamos somente com 6 acadêmicos. Alguns dos possíveis colaboradores, mesmo após ter aceitando o convite ao longo da coleta, alegaram alguns problemas tais como, acesso à internet, ocupação intensa em suas atividades na aldeia e também problemas de saúde, e assim optaram por não participar. Para coletar essas informações utilizamos de um gravador de voz e um caderno de campo, além de entrevistas via WhatsApp. Com as informações colhidas através das entrevistas via WhatsApp e das conversas presenciais, todas foram transcritas e analisadas.

Abaixo segue (tabela 1) dos acadêmicos selecionados para colaborar com esta pesquisa.

Tabela 1- Colaboradores da pesquisa

Idade	Gênero	Etnia	Função	Localização
36 Anos	Feminino	Mehinako	Coordenadora	Alto Xingu – Gaúcha do Norte-MT
37 anos	Masculino	Yudja	Professor	Aldeia Maida- Alto Taquari-MT
37 anos	Feminino	Munduruku	Professora	Juara-MT
28 anos	Feminino	Kayabi	Professora	Aldeia Tatuí -Juara-MT
29 anos	Masculino	Paresi	Professor	Tangará da Serra-MT
31 anos	Masculino	Rikbaktsa	Professor	Aldeia Beira Rio-Brasnorte-MT
27 anos	Masculino	Xavante	Professor	Ribeirão Cascalheira-MT

Fonte: elaborada pelo autor (2023)

Todos os colaboradores desta pesquisa estão mencionados a partir do quadro acima. No primeiro momento no formato remoto da disciplina iniciamos com 7 acadêmicos para início das entrevistas, contudo, após o período das aulas conseguimos entrevistar somente dois acadêmicos: a acadêmica Mehinako e o acadêmico Yudja. Os outros três acadêmicos não puderam participar do trabalho devido alguns problemas de saúde (Covid-19).

O segundo momento da pesquisa aconteceu durante as aulas presenciais realizadas no mês de julho de 2022. Fizemos novas entrevistas e realizamos conversas com os acadêmicos Xavante, Haliti-Paresi, Munduruku, Kayabi e Rikbaktsa, onde foi possível aprofundar algumas questões já levantadas anteriormente e também obter novas informações que em muito contribuíram com a pesquisa.

Utilizamos dois roteiros[4] para início de interações com os acadêmicos, e em ambas as situações, nosso objetivo era fazer com que os entrevistados se sentissem o mais confortável possível para compartilhar as informações necessárias para a resolução do nosso problema de pesquisa. Esses roteiros foram aplicados nas interações durante o estágio de docência, por meio de entrevistas semiestruturadas, em momentos distintos nos ambientes do campo de pesquisa, já no período de aulas presenciais foi possível estabelecer contato nos intervalos das aulas, momentos de refeições, de lazer, nas conversas durante a produção de slides para a apresentação dos Trabalhos de Conclusão de Curso, entre outros momentos que serviam como

[4] Roteiros inseridos nos apêndices.

espaços de interação com os entrevistados e de busca de compreensão dos objetivos que estabelecemos para a pesquisa.

Inicialmente, buscamos saber o nome, a idade, a etnia e a função que cada participante desempenha na aldeia e onde residem. Em seguida aprofundamos as questões com a finalidade de compreender aquilo que nos colocamos como problema de pesquisa e como objetivos a serem alcançados.

3. POVOS INDÍGENAS: CORPOS, CULTURAS E A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Em nosso estudo é fundamental entender o conceito de corpo e de cultura, uma vez que são eles que nos possibilitam interpretar os códigos que dizem respeito a constituição das diferenças entre os povos indígenas. A cultura pode ser entendida através dos modos de viver, de ser, de pensar, de interagir e se manifestar com o mundo que o rodeia. Nesse emaranhado de situações, o corpo é o elemento central na apropriação da cultura e, portanto, é o vetor de identificação individual e coletiva de um grupo social, pois carrega em si suas marcas da história de toda uma geração.

Ao visualizarmos isso em relação aos povos indígenas e ao seu corpo, entendemos que é partir dessa interpretação de como cada sujeitos se expressa corporalmente na sociedade que podemos pensar estratégias de luta, de valorização e de reconhecimento da história e cultura dos povos originários do Brasil.

Nesse sentido, esta seção traz o imbricamento dos conceitos de cultura, corpo e a perspectiva da educação intercultural, como elemento de resistência e que se relacionam nos processos de aprendizagens dos povos indígenas que vivenciam a formação acadêmica na Faindi/Unemat.

3.1 A relação entre corpo e cultura para os povos indígenas

O estado do Mato Grosso possuí atualmente 43 etnias indígenas no Brasil, segundo dados do Instituto Socioambiental (ISA). Neste sentido, é impossível falar em uma cultura indígena única, é necessário considerar que ainda são muitos os povos indígenas que habitam nestas terras, cada qual com sua cultura, seus costumes, suas crenças.

Ainda que rico em cultura e diversidade, este dado não é tão relevante quando se fala em produção de pesquisas e pesquisadores voltadas as populações indígenas que habitam esse território do país. Muito possivelmente, por se tratar, também, do estado brasileiro que mais lucra com o agronegócio e, na esteira do processo colonizador, tocar em questões relativas aos povos indígenas esbarra nos interesses econômicos deste setor. Portanto, invisibilizar a existência de determinados grupos sociais são estratégias de manutenção da colonialidade em relação a população indígena.

Soma-se a isso, o momento político em que essa pesquisa foi construída (2020-2022). Gestão que trouxe como projeto o desprezo pelas minorias e pelas diferenças, que

buscou alienar a sociedade, aparelhando as instituições e impossibilitando que os que não se sentiam representados pudessem ser escutados. O silenciamento das vozes que sofreram com a opressão também é uma ideologia de manutenção da colonialidade.

Reconhecermos que a cultura indígena ocupa um espaço de importância na formação do povo mato-grossense, pois trata-se da cultura pioneira do estado, mas que vem buscando ser reconhecida e respeitada como modo de existência. A partir desse desafio, pretendemos apresentar em nosso trabalho uma importante contribuição para a sociedade como um todo, a partir do conhecimento das práticas corporais dos acadêmicos do curso de Pedagogia Intercultural Indígena da Faindi, trazendo visibilidade a cultura dos povos indígenas que são beneficiados com essa ação formativa, como uma atitude política da Unemat.

Com isso, nosso movimento de pesquisa é um ato político e educacional, a partir do nosso desejo em apresentar as práticas corporais indígenas enquanto ciência que valoriza a cultura. Isso porque concebemos a ideia de que ao sermos considerados seres sociais que atribuem significados as coisas do mundo, é possível que possamos ressignificar alguns elementos da nossa cultura como um contradiscurso a opressão, a violência, ao racismo e a discriminação.

Como elemento principal para esta árdua tarefa, buscamos inicialmente compreender o que é a cultura, tendo em vista todas as nuances históricas que foram constituindo esse conceito, o que por vezes representou a valorização de um certo tipo de padrão cultural em detrimento de outro, fundamentando o domínio de uma cultura sobre a outra.

Essa visão etnocêntrica foi amplamente difundida na América Latina no processo de colonização das nossas existências neste pedaço do mundo, invisibilizando os traços dos povos originários, donos da terra do que hoje chamamos de Brasil. Nessa esteira, a colonização tentou apagar diversos códigos de identificação com a cultura indígena enquanto um sistema simbólico.

Quando falamos em simbolismos, nos ancoramos em Geertz (1926) para defender o conceito de cultura, em que associa a cultura humana como uma rede de dados e significados:

> O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação (GEERTZ,1926, p.4).

Com essa afirmação, entendemos que o estudo dos significados sociais se dá a partir da análise interpretação dos códigos sociais em cada contexto, o que, por sua vez, gera uma imensa teia de sentidos a tudo que os seres humanos produzem na relação com o lugar e as pessoas que ali convivem.

Portanto, compreender a cultura é construir interpretações dos diversos significados produzidos pelos diversos seres humanos que habitam a Terra. Isso nos leva ao entendimento de que não é possível pensar a cultura somente por uma lente, já que a diversidade de lugares, pessoas, símbolos e códigos ao redor do mundo, que são muito particulares em cada contexto.

Conforme Grando (2009, p. 21), essa diversidade pode ser "[...] compreendida a partir de traços que a diferenciam nas relações de 'fronteiras' estabelecidas [...]", a partir dessas trocas de experiências, de aprendizados, fazendo com que a cultura permaneça em constante processo de modificação.

Com isso visualizamos as diferenças culturais existentes, assim como percebemos o caráter mutável da cultura, já que o processo histórico dos imbricamentos culturais vai gerando novos sistemas de identificação dos códigos de cada cultura e que só possível de perceber por meio da aproximação que os pesquisadores fazem com os diferentes povos.

Para que isso possa se efetivar, é fundamental compreender a cultura pelos olhares da antropologia. Essa dinâmica vai sendo construída a partir do método etnográfico, pois "[...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante" (GEERTZ, 1926, p.4).

Ao exercitar esse olhar estranhado das relações de construção de uma cultura é que podemos estabelecer conexões, vivências e interpretações para elaborar análises do material cultural do estudo de uma determinada ação de um ser e de um grupo. O autor completa a compreensão de etnografia:

> E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento [...] O que o etnógrafo enfrenta, de fato — a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados — é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (GEERTZ,1926, p.4 e 7).

A questão levantada pelo autor sobre aprender primeiro para depois apresentar as nossas interpretações é característico da antropologia social, já que a possibilidade de argumentação da cultura alheia se dá a partir da noção que se estabelece no conjunto de elementos simbólicos em cada contexto, pois de fato o que não foi vivenciado, não nos permite falar com exatidão.

Desse modo, acabamos utilizando argumentos segundo a vivência de outras pessoas, por meio das leituras e estudo, o que dá para a antropologia uma difícil tarefa de traduzir os elementos das culturas por meio dos seus escritos. A etnografia nos desafia a viver para poder apresentar.

Pelos olhos da antropologia social, a cultura, portanto, se define através de uma teia de sentidos e significados do homem, tecidos por ele mesmo ao longo do seu processo civilizatório, traduzidos nos registros etnográficos.

> A perspectiva da cultura como "mecanismo de controle" inicia-se com o pressuposto de que o pensamento humano é basicamente tanto social como público — que seu ambiente natural é o pátio familiar, o mercado e a praça da cidade. Pensar consiste não nos "acontecimentos na cabeça" (embora sejam necessários acontecimentos na cabeça e em outros lugares para que ele ocorra), mas num tráfego entre aquilo que foi chamado por G. H. Mead e outros de símbolos significantes — as palavras, para a maioria, mas também gestos, desenhos, sons musicais, artifícios mecânicos como relógios, ou objetos naturais como joias — na verdade, qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada para impor um significado à experiência (GEERTZ,1926, p.33).

A cultura pelos olhos da antropologia nos explica os elementos da realidade estudada, e isso só ocorre através da interpretação dos fatores que a caracterizam, o que nos desafia a adentrar na história da própria existência em relação ao ser humano e a sua natureza cultural. É por meio dessa consideração que conseguimos diferenciar uma cultura da outra, mas, sobretudo, entender que não existe uma cultura melhor ou pior, simplesmente culturas diferentes e que devem ser respeitadas em sua diferença.

Essas diferenças se tornam evidentes quando uma cultura se aproxima de outra, como é caso dos povos indígenas, quando trazem, nos diferentes fenótipos, as pinturas corporais, os adereços, as lutas, as danças, os jogos, entre outras práticas corporais os elementos significantes de sua cultura.

As manifestações culturais que são expressas através dos corpos, são chamadas de práticas corporais, em que Grando (2009) as entende como práticas sociais que estão ligadas

as tecnologias, a estética e o modo com e como o corpo se porta em relação ao seu grupo étnico.

No que se refere aos povos indígenas, ainda com a autora, entendemos que "As práticas corporais das sociedades tradicionais colaboram para que valores, costumes, normas sociais e comportamentos desejados sejam assimilados por meio dos corpos dos indivíduos, tendo como bases suas tradições" (GRANDO, 2010, p. 62). Isso ocorre porque as práticas corporais, enraizadas nas práticas sociais dos sujeitos, são mantidas através das danças, competições esportivas, rituais, jeito de comer, de falar, sendo este um olhar já para o ramo da Educação Física enquanto colaboradora na formação humana.

Toda prática corporal, construída pelas técnicas corporais tradicionais, é diferente uma da outra, pois cada indivíduo possui uma maneira singular de se expressar, que permanece em contínua transformação. Assim cria e recria sua identidade e, por fim, no contexto social, tais práticas vão representar sentidos e significados da coletividade daquele grupo.

Entendendo o contexto de produção das práticas corporais, podemos entender que cada grupo social em seus movimentos possuem seus próprios significados. E ainda que haja semelhanças físicas entre os indígenas e não indígenas, a forma com que cada um aprende e manifesta sua corporeidade os diferencia fundamentalmente.

Ao pensarmos essa lógica no âmbito da constituição histórica do Brasil e do Mato Grosso, veremos que essa dinâmica não foi operada. Esse fato se dá em função do processo colonizador ao qual os Povos Indígenas foram colocados, e por este motivo, nosso trabalho busca trazer as faces da luta enfrentada pelos povos originários, ao evidenciar nas suas marcas corporais a diferença que deveria ser reconhecida e valorizada.

Dentro da historicidade dos povos originários, um marco traumático foi o processo de branquitude implantado pelos europeus, em que a Europa era tomada como o centro do mundo e tudo que fosse produzido longe do referencial, branco, cristão e heteronormativo não era concebido como "correto", ignorando quaisquer outras formas de pensar. Este movimento eurocêntrico e etnocêntrico desprezava todas as formas de viver e pensar dos povos indígenas e afrodescendentes, invisibilizando suas crenças, seus hábitos e a sua cultura, que para os colonizadores de nada valia.

Os povos indígenas, em um movimento de resistência ao processo civilizador moderno, contrariaram a lógica eurocêntrica e em diversas comunidades mantiveram-se seus hábitos antigos. A cultura enraizada vem sendo passada de geração em geração, fazendo com que a essência seja mantida. Sendo assim é importante amplificarmos as vozes e o

protagonismo aos povos indígenas, por toda sua riqueza cultural que é um patrimônio da essência de ser brasileiro e que ao entender esta dinâmica, podemos compreender melhor os caminhos da atual conjuntura brasileira.

Portanto, ao falarmos sobre os povos indígenas e suas práticas corporais, especificamente no contexto de formação para ser professores na Faindi/Unemat, buscamos falar de culturas que possuem trajetórias próprias, que visam garantir a continuidade da vida dos seres humanos e do ambiente, mas que se encontram em um espaço de trocas culturais intensas.

O contato entre as diferentes culturas pode ser entendido como um espaço de "fronteiras culturais", que é explicado por Grando (2009, p. 21) como sendo "[...] espaços socialmente construídos pelos grupos étnicos em relação, podendo, em cada fronteira estabelecida, constituírem-se espaços totalmente diferenciados, dependendo de quem é o 'outro'".

Ainda com a autora supracitada, as fronteiras culturais são comparadas com as franjas de uma cortina, em que:

> Como franjas de uma cortina que se tocam quando balançadas pelo vento, cada cultura mantém-se presa a sua parte – seu grupo – ao mesmo tempo em que é 'tocada' pelo contato com outro grupo interétnico. Como franjas que, ao sabor do vento, se aproximam, se distanciam, se entrelaçam, as culturas, dependendo do contexto histórico, interpenetram-se, entrelaçam-se, aproximando-se ou distanciando-se. Cada cultura expressa um conjunto de escolhas pelas quais se diferencia e que são aperfeiçoadas permanentemente (GRANDO, 2009, p. 21).

A curso de Pedagogia da Faindi/Unemat representa essa intensa relação entre as culturas indígenas do estado do Mato Grosso, que se conectam pelo conhecimento sistematizado na educação superior. Esta conexão entre as pluralidades indígenas, buscam compreender e respeitar o pensamento do outro em cada contexto étnico, e nada mais justo do que produzir conhecimento que tenha como intuito reconhecer, enriquecer e enaltecer esta diversidade de manifestações culturais que estão presentes no nosso entorno, mas que se constituem fundamentalmente por meio das significações históricas de exploração e injustiças, que marcam corporalmente os povos indígenas.

Dessa forma, o corpo também se apresenta como um elemento criador de símbolos que nos auxiliam a compreender a cultura e seus significados. A historicidade do corpo entre suas práticas e representações, foram inscritas desde a existência do ser humano na terra, e tratam da gestualidade trazida em gestos simples como, por exemplo, o ato de se alimentar, de

andar, de correr, de pular, entre outras expressões corporais que evidenciam traços culturais particulares.

Daolio (1995) explica que esta teia de significados em nosso corpo, são tecidos desde a nossa infância, através dos hábitos que são sendo manifestados dentro da realidade de cada ser. Com isso, o corpo vai educando esses gestos que se tornam parte do seu cotidiano. Por fim, tais hábitos tornam-se regras obrigatórias no convívio social.

> No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. Mesmo antes de a criança andar ou falar, ela já traz no corpo alguns comportamentos sociais, como o sorrir para determinadas brincadeiras, a forma de dormir, a necessidade de um certo tempo de sono, a postura no colo. (DAOLIO, 1995, p.39).

O autor destaca que mesmo antes de realizar os primeiros passos ou falar as primeiras palavras, o sujeito já tem no corpo certos comportamentos sociais, ressaltando que o corpo já tem uma cultura intrínseca e que são fundamentais para as relações em sociedade, no sentido de garantir as singularidades como algo que é essencial para a existência cultural humana.

Esse corpo/cultura ao entrar em contato com outros corpos/culturas, como é o caso dos acadêmicos do curso de Pedagogia da Faindi/Unemat, se torna passível de mudança através dos conflitos que, segundo Grando (2004, p. 42), "[...] faz parte das relações que possibilitam o processo de constituição das identidades individuais e coletivas". Sendo assim, o corpo vive em constante processo de aprendizagem a partir das manifestações culturais que realiza, sem perder os traços que o marcam pelas heranças culturais já consolidadas no seu modo de ser e agir.

A individualidade que temos enquanto diferença, mas que ao mesmo tempo nos une como humanidade, evidencia a maneira como cada um molda o seu corpo, produzida a partir das nossas diversas "técnicas corporais". Assim, compreendemos as técnicas corporais como elemento de identificação, em que além de se reconhecer, é possível o reconhecimento do outro (GRANDO, 2009).

O conceito trazido pela autora supracitada, tem como referência Marcel Mauss que foi um dos primeiros antropólogos a se preocupar com as discussões sobre o corpo e suas técnicas de aprendizagem. Para Mauss (1974, p. 401), as técnicas corporais podem ser entendidas como "as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma

forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo". Ou seja, a técnica corporal é aquilo pelo qual o sujeito se expressa, tudo que é feito pelo e com o corpo implica naquilo que o indivíduo é.

Grando (2004) explica como as técnicas corporais indígenas expressam a sua identidade, manifestada em movimentos bem simples e comuns:

> As técnicas corporais, como práticas sociais, expressam nas formas de andar, de correr, de banhar-se, de vestir-se, de alimentar-se, de depilar-se, de acariciar, entre outras, características que, marcadas num corpo, conotam formas desse identificar-se como pertencente a um determinado grupo (GRANDO, 2004, p.47).

É através das técnicas corporais que os indivíduos se diferenciam uns dos outros, tanto individual quanto coletivamente, e tais técnicas se modificam conforme fatores intrínsecos, como psicológico, e extrínsecos, como a sociedade. Dessa forma, "O homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração" (DAOLIO, 1995, p. 39).

Neste processo, ocorre a construção das identidades culturais, em que a matéria-prima é o corpo. Este é educado conforme influências externas e internas, esclarecidas por Grando (2009), quando diz que o processo de "educação do corpo" se dá de maneira informal e continuamente ao longo da vida e é bem particular na cultura do indivíduo.

Com o pensamento de Grando (2004), entendemos os diversos movimentos pelos quais o corpo passa em sua constituição, o que nos permite visualizar as dimensões históricas dessa construção. Todavia, essa compreensão não limita a possibilidade de adaptação com uma nova realidade, dado que reforça o caráter dinâmico da cultura, assim como a sua influência na educação corporal dos sujeitos.

Para Pereira e Gomes (2018), a corporeidade no âmbito da educação formal apresenta um caráter cognitivista. Em nosso trabalho, concebemos que a cognição também é corpo, o que se aproxima do seguinte trecho:

> Eu me afasto desde o início dessa perspectiva positivista de análise sobre o cérebro e a cognição, para me filiar, justamente, me aproximar aos estudos de Maturana e Varela. A partir dos quais, a gente pode afirmar que a cognição emerge da corporeidade e que a cognição não é somente um processamento de informações, gestuais e cognitivos, mas tem também a emoção e a percepção que, também, estão envolvidas nesse processo (PEREIRA, GOMES, 2018, p. 244 e 245).

Portanto, podemos dizer que o corpo fala através de seus movimentos e essas expressões contam uma história, marcada pela transmissão das técnicas corporais. Como exemplo, tomamos as referências baseadas no período renascentista, em que Nobrega (2016) nos convida a refletir sobre essa forma de linguagem:

> Outra importante referência sobre a educação do corpo no período renascentista pode ser encontrada em Montaigne. O filósofo reflete sobre a natureza e o significado das expressões corporais como uma linguagem do corpo que projeta o indivíduo para fora de si mesmo e o expõe ao elogio ou à sanção do grupo. Essa linguagem do corpo está circunscrita ao privado, ao íntimo, ao secreto, ao inconfessável. Uma transformação da intimidade cujos procedimentos de controle social se tornam mais severos por meio de formas educativas da gestão da alma e do corpo (NOBREGA,2016, p. 94).

O corpo, portanto, torna-se o grande protagonista deste acervo social, é o que de fato deixa na sociedade a sua identidade cultural e específica. É íntima e natural dentro de seus costumes, de seus hábitos, de sua transformação e vivência na terra do início da sua vida até a sua morte.

A história do corpo, seus movimentos e ações são reflexos das manifestações culturais do indivíduo e que ocorrem por meio de suas práticas corporais no âmbito do seu trabalho, da sua educação, do seu lazer, entre outras necessidades humanas que vão criando u sistema de utilização e significação do corpo. Portanto, tudo aquilo que perpassa a sua preparação corporal diz respeito ao seu próprio desenvolvimento enquanto ser humano.

Conforme Daolio (1995) explica, através da visualização das manifestações corporais de um indivíduo é possível fazer a identificação de onde esses movimentos vieram, como eles se operam socialmente e quais são as representações culturais destes gestos para um determinado povo.

Toda essa gama de movimentos é influenciada pela cultura. Ou seja, pelos hábitos que são passados de geração em geração.

> A forma de chutar, os cuidados higiênicos com o corpo, os esportes que se praticam numa determinada época, num determinado local, são influenciados pela cultura. As brincadeiras, os tipos de ginástica, os cuidados estéticos com o corpo. Enfim, tudo é influenciado pela cultura. Numa multidão, pode-se notar certos comportamentos corporais comuns, que caracterizam e padronizam um determinado povo (DAOLIO, 1995, p.25).

A influência da cultura em qualquer grupo social evidencia os processos sobre como o corpo fala e expressa seus movimentos neste contexto. Essas características ganham um

contorno de representatividade ao serem reconhecidas por aquele determinado grupo social e, quando são comparadas com outras culturas, demarcam as diferenças que constituem cada grupo na relação do Eu com o Outro.

Tais processos foram tecidos através do processo civilizatório da humanidade, o que significa entender que o conceito de civilização não se dá em uma constituição evolutiva biológica, mas sim em um relativismo cultural, pois é compreensão dos códigos da cultura corporal de cada sociedade que vai educar e dar forma ao corpo, as suas expressões e suas significações.

De acordo com Soares (2021), a educação do corpo é constituída através do meio no qual o indivíduo está inserido. Nesse sentido, ao analisarmos seus hábitos podemos compreender a cultura do outro.

> Pouco a pouco, e a partir desses fios soltos no tempo, foi possível tomar uma acepção de educação que confere atenção especial aos gestos, aos comportamentos cuja expressão se inscreve no corpo; ela seria, então, constituída pelas infinitas criações e recriações de processos educativos amplos, desenhados para tornar o corpo expressão de civilização (SOARES, 2021, p.3).

O corpo evidencia cada detalhe da cultura humana, pois de fato o processo de civilização ocorreu através dessa pluralidade cultural, existente entre os povos na construção de seus gestos corporais.

Ao nos apropriarmos desse entendimento, no que se refere aos povos indígenas e suas práticas corporais, é importante que possamos ir muito além do conhecer e ter respeito, mas fazer com que este conhecimento chegue ao maior número de brasileiros e brasileiras que desconhecem a historicidade de nossos povos originários.

Mais especificamente no âmbito da formação de professores indígenas, o conhecimento sobre as práticas corporais indígenas permite uma associação entre os modos de aprender e ensinar por meio do corpo. Isso porque as significações contidas nas práticas corporais revelam a historicidade dos modos de produção da vida em cada contexto étnico. Essa noção articula o conhecimento das disciplinas institucionalizadas formalmente para a educação escolar, mas que se dá por meio da educação do corpo de cada indígena, que se faz através das danças, jogos, cerimonias, rituais. Desse modo, entendemos que são as práticas corporais indígenas que educam esses corpos.

O conhecimento dessas práticas corporais se faz necessário para a compreensão da formação da nossa própria identidade como brasileiro. É importante investigar como se

constituíram e se constituem as práticas corporais indígenas diante a tantos acontecimentos que a colonialidade nos colocou. São práticas que resistem aos diversos momentos de repressão, de luta e de muito sofrimento e de resiliências enfrentadas por esses povos.

Nesse sentido, compreender o conceito do corpo e de cultura nos possibilita entender a sua importância social para o meio em que cada povo indígena se insere. Se tratando de corpos e culturas diversas, dentro da cultura indígena o corpo assume o protagonismo da vida e é nele que poderemos entender a história e a cultura dos povos indígenas. Por este motivo, pensar a sua implicação dessa relação no âmbito da educação escolar indígena é fundamental discutirmos tais elementos na formação de professores indígenas, assumindo a educação intercultural enquanto princípio orientador das ações.

3.2 A Educação Intercultural enquanto pressuposto para a valorização das práticas corporais indígenas

A educação intercultural está muito além das instituições de ensino, tendo em vista que são diversos os espaços que o conhecimento e construído, dentre eles o próprio corpo. Como visualizamos, as práticas corporais indígenas possuem uma centralidade nas ações que ocorrem no âmbito de cada cultura.

Por este motivo, tal ação exige:

> [...] considerar as dinâmicas sociais dos povos indígenas, de qualquer ponto de vista, exige compreendê-los levando em conta suas relações com as sociedades não indígenas e as concepções historicamente estabelecidas a seu respeito ao longo do processo colonialista e sua diversidade sociocultural: língua, identidades, práticas culturais, demografia, organização social, economia e política, história, produção de conhecimento, de encontros entre as diferentes etnias e com segmentos da população não indígena, entre outros aspectos (KAWAKAMIL, 2019, p.3).

Devemos discutir mesmo que de forma sucinta que o modo de vida do homem moderno, mesmo com o desenvolvimento de tantos meios tecnológicos, não tem sido saudável para a terra e para a humanidade. É preciso entender os saberes e os conhecimentos para cuidar da terra, contrapondo a lógica da modernidade ao fazer o movimento de reflexão para rompermos as diversas questões impostas pela colonialidade.

Essa ação ocorre a partir da abertura dos espaços que tratam sobre a diversidade de conhecimentos que se originam em diferentes povos e culturas, como enunciam as políticas constitucionais que garantem a valorização das diferenças no território brasileiro. Com isso:

> Um avanço importante trazido pela declaração é justamente o reconhecimento dos direitos coletivos dos povos indígenas, que dizem respeito ao direito a políticas de educação e de saúdes específicas, a manter seu patrimônio cultural, ao território que a comunidade ocupa etc. Os Estados têm grande dificuldade de reconhecer esses direitos considerados fundamentais pelos indígenas, já que significa admitir a diferença entre povos numa mesma nação (BERG; ALBUQUERQUE; POJO, 2008, p. 17).

A partir desse entendimento, visualizamos o reconhecimento e valorização das culturas como a ação política e pedagógica necessária. São tantas as experiências significativas a serem demonstradas e contadas através das práticas corporais indígenas, que potencialmente recriam as histórias colonialistas reproduzidas nas instituições escolares.

> No entanto, muitas vezes, vemos as pessoas se manifestarem contrariamente a essas reivindicações, por uma postura que é fruto da ignorância ou do preconceito. Por exemplo: nós brasileiros não perdemos nossa identidade nacional por aprendermos outro idioma como, por exemplo, o inglês. Por outro lado, é recorrente algumas pessoas, ao ver um índio em situações "pouco convencionais", como por exemplo, usando um laptop, pronunciarem: "esses aí dizem que são índios, mas, não são" [...] (BERG; ALBUQUERQUE; POJO, 2008, p. 20).

O ser humana precisa se habituar e compartilhar a ideia de que todos nós precisamos de um ambiente saudável para viver, e o processo de educação pode ser garantia ou não do aprendizado de como viver na e com a natureza.

Berg, Albuquerque e Pojo (2008), detalham que os professores indígenas, em sua quase totalidade, não passaram pela formação convencional em magistério. Vejamos que muitos dos professores indígenas vem buscando complementar seus conhecimentos buscando a formação em instituições de educação formal, algumas já direcionadas para alunos indígenas, como faz a própria Faind/Unemat.

Na Faindi identificamos que alguns dominam ambas as línguas e outros tem dificuldades na língua portuguesa, como conceito e a compreensão de diversas palavras.

> Uma grande parte deles domina conhecimentos próprios da sua cultura e tem precário conhecimento da língua portuguesa e das demais áreas dos conteúdos considerados escolares. Enquanto isso, os professores não-índios que atuam nas escolas indígenas, mesmo quando têm o curso de magistério, não possuem conhecimentos sobre os povos indígenas, provocando, portanto, distorções no processo ou impedindo o desenvolvimento da proposta de educação intercultural. (BERG; ALBUQUERQUE; POJO, 2008, p. 23)

É importante descrever a utilização da língua materna nas escolas indígenas. Isso se dá como uma importante forma de manter este hábito cultural de cada povo no âmbito da

educação escolar, aliada a compreensão da língua portuguesa, para que todos os indígenas possam entender a relevação de construir conhecimento e ciência para os indígenas e não indígenas.

Diante de uma sociedade que vive entre fronteiras evidenciadas pelas múltiplas diferenças existentes entre os indivíduos que a habitam, a compreensão do conceito de interculturalidade é necessário e nos possibilita a busca do entendimento tão necessário da cultura do outro, visando relações e interações entre culturas e modos de ser e agir tão diferentes. De fato, ninguém é igual a ninguém, mas conhecer e respeitar a cultura do outro tem sido um dos desafios da educação intercultural.

Entre aspectos de cultura, identidade, epistemologia e outros conceitos que se associam a esta temática, tratam da compreensão da educação intercultural como algo que se impõe como fundamental na contemporaneidade.

Esta perspectiva atualmente se contextualiza em um cenário que envolve reflexões étnico-raciais, diversidade e identidade cultural. Coppete (2012) contribui com esse entendimento quando nos apresenta a definição de educação intercultural expressando que:

> [...] entendo que a educação intercultural é um processo cuja premissa básica reside na promoção deliberada da inter-relação crítica e solidária entre distintos grupos culturais existentes em uma determinada sociedade. Valoriza a explicitação da riqueza e da potencialidade das diferenças culturais. Concebe as culturas em contínuo processo de construção e de reconstrução, ou seja, em permanente processo de elaboração, na medida em que entende que as raízes subjacentes a cada cultura são históricas e dinâmicas, razão pela qual não fixam as pessoas em um determinado padrão cultural. Reconhece a intensidade inerente aos processos de hibridização cultural e o potencial que possuem como construtores de identidades abertas, sugerindo que não há pureza nas culturas (COPPETE, 2012, p. 250).

A interculturalidade tem sido uma das temáticas mais estudadas e discutidas nos últimos anos, tendo grupos culturais que ainda não são conhecidos a fundo pela sociedade, tais grupos sociais que ainda resistem a uma interação tendo seus motivos próprios. Neste sentido, como afirma Coppete (2012), este é um processo em construção e exige constante elaboração para compreender as potencialidades que estas diferenças culturais podem trazer para a sociedade.

Reconhecemos que nesse processo muito tem se avançado, com as campanhas, com a valorização da história de grandes personagens, as grandes empresas que repudiam quaisquer discriminações. Porém é necessário dizer que também tem regredido, como a escolha de líderes políticos que ignoram esses assuntos, a mídia que muitas vezes dão ênfase nesses

assuntos que podem muitas vezes estimular essas práticas, pois como sociedade não estamos andando em evolução numa linha reta e isso acontece em função da imposição da classe dominante que tem o poder de ditar as regras e estabelecer o que deve ser seguido, sufocando o pensamento divergente que busca relações mais respeitosas entre os indivíduos.

Desta forma, fica perceptível que são diversos os motivos que aproximam e/ou afastam a compreensão do conceito da interculturalidade e da necessidade de sua vivência em plenitude na sociedade em geral, superando a visão limitada da tolerância e buscando o respeito por tudo o que o outro representa.

A sociedade atual vem exigindo esse respeito, através de manifestações, essa luta vem de muitos anos, e agora o nosso povo se sente mais forte a luar pelos seus direitos diante da sua identidade cultural e a educação intercultural entre as estruturas políticas e sociais vem buscando soluções para resolver esses dilemas e conflitos.

Conforme afirma Fleuri (2012) pensar, agir e viver a partir de uma perspectiva intercultural transpõe a descoberta de si mesmo e do outro, isso revela que necessita de ações bem pensadas e com uma execução mais ativa que vise atender todos esses parâmetros, com uma abordagem interativa, respeitosa, solidária, afetiva, sensível e prospectiva, com vistas à justiça e equidade social, na perspectiva pela necessidade da construção de um mundo menos desigual. É importante entender que esta função requer total disposição e propósitos sólidos, é uma entrega pessoal e que precisa ser compreendida e executada por todos, fundada na educação e na diversidade.

Em nosso contexto histórico e político da formação do povo brasileiro, tem-se relatos de que, antes da colonização de portuguesa, já viviam pessoas aqui nas terras do Brasil há mais de 45 mil anos. Estudos apontam que possuíamos cerca de 5 milhões de indígenas. O massacre e o extermínio destes povos são resultados desse processo colonizatório e a escravização de outros povos, principalmente de origem africana, bem como, com a chegada dos europeus, fez com que a miscigenação resultasse na diversidade de culturas que foi se criando nessas terras:

> A formação do povo brasileiro resulta da interação e da miscigenação de diferentes grupos étnicos. O encontro entre diferentes culturas no Brasil foi produzido a partir de grandes fluxos migratórios, ligados principalmente a dois ciclos econômicos anteriores. Primeiro, no processo de colonização das Américas. A expansão do comércio europeu no século 15 impeliu as classes dominantes da sociedade europeia à "descoberta" e à conquista do "Novo Mundo". A ocupação deste território e a implantação do modo de produção capitalista nas Américas se deram com base na exploração da mão-de-obra escrava (FLEURI, 1999, p.282).

Esse processo de colonização das terras brasileiras e dos povos indígenas que aqui viviam é um marco que se discute até os dias presentes, visto que, após 500 anos, a classe dominante nem sempre se atenta ao respeito com relações a diversidade cultural, principalmente de um grupo étnicos que é pioneiro nestas terras, o desprezo com a história e a cultura, revolta e não traz representatividade a quem conhece de fato a história.

As sociedades indígenas lutam e buscam o respeito e a valorização de suas identidades e de suas culturas há anos, pois a grande maioria da sociedade brasileira trata os povos indígenas como se simplesmente não existissem, que não fizesse parte do nosso povo e que representam o atraso da humanidade, impedindo que o "progresso" e o "desenvolvimento" do país pudesse chegar em suas terras.

Fleuri (1999) afirma que o segundo fluxo migratório ocorreu a partir do século 18 trouxe grandes influências para a vida desses povos. Essas mudanças ocorridas se deram impulsionadas pela revolução industrial, que assim trocaram os trabalhadores escravizados por trabalhadores europeus "livres" que viviam situações complicadas em seus países e tinham a promessa e a esperança de que pudessem ter uma vida melhor na américa. Com a chegada desses imigrantes ocorreu o novo movimento de desenvolvimento econômico capitalista neste continente. É importante descrever que essas razões foram mais econômicas que humanitárias.

O processo de branquitude que iniciou com a chegada dos trabalhadores/imigrantes europeus e ainda é efetivo e se faz presente nos dias de hoje. Neste sentido, é necessário descrever que muitos dos brasileiros tem uma versão distorcida dos povos indígenas, o que nos leva sempre a enfatizar que essa cultura necessita não só ser respeitada, como enaltecida, pois temos um povo que não conhece sua própria história e seu processo de formação cultural.

Esses estereótipos e preconceitos são frutos da colonialiade, que representa o domínio político e econômico de um povo sobre o outro, sendo assim se faz necessário apresentar os seus eixos, aqui representados pela colonialidade do poder, do saber, do ser e da natureza.

A colonialidade do poder, aqui apresentada por Quijano (2005), trata-se de um sistema de classificação social, tendo como principal fator a "raça", este critério contava com a exploração e a dominação da população dentro do parâmetro capitalista. Associado a várias dimensões do colonialismo, é possível compreender o significado do conceito de colonialidade do poder, a partir do que Quijano, aponta como sendo o conceito-matriz de "colonialidade do poder" e que diz respeito as várias dimensões de poder que são

constitutivas do colonialismo e de seus legados que permanecem contemporaneidade. Para Quijano (2005), foi a partir da América que começou formar o mundo, aponta três elementos centrais que afetam a vida mundial: a colonialidade do poder, o capitalismo e o eurocentrismo".

Os frutos da colonialidade do poder ainda estão ativos na sociedade atual, tendo em vista que as identidades indígenas não têm voz necessária para partilhar seus ensinamentos e nem lhes é dado o seu devido valor, a grande maioria da sociedade não se sente representada pelos povos indígenas e muitas das vezes nem mesmo os conhece, apresentando uma compreensão equivocada dos povos indígenas, unificando-os e generalizando como se todos os povos fossem iguais, pertencentes a um único povo, uma única cultura, representados pelo termo genérico "índios" como válido para todos os diferentes grupos étnicos.

A "colonialidade do saber" apoia-se no pensamento da Europa como o único centro de produção de conhecimento válido a ser perpetuado e seguido, e descartando quaisquer outras possibilidades de raciocínio que não sejam aquelas produzidas e difundidas por homens brancos europeus.

> A ideia de que o único saber rigoroso é o saber científico; portanto, outros conhecimentos não têm a validade nem o rigor do conhecimento científico. Essa monocultura reduz de imediato, contrai o presente, porque elimina muita realidade que fica fora das concepções científicas da sociedade, porque há práticas sociais que estão baseadas sem conhecimentos populares, conhecimentos indígenas, conhecimentos camponeses, conhecimentos urbanos, mas que não são avaliados como importantes ou rigorosos (SANTOS, 2007 p. 29).

Esta teoria defende que o único saber com validade é o saber científico, sendo assim ele despreza qualquer outra concepção, todas as demais formas de conhecimentos não são consideradas importantes e nem mesmos válidos. A diversidade, ainda que presente nas escolas de educação básica, nem sempre consegue alcançar a missão de entregar o que de fato precisa ser feito, pois atendem esses conhecimentos através de um ou outro evento ou dentre feriados específicos que celebram a diversidade.

Vejo que é necessário coisas maiores para que a sociedade possa ter a compreensão e o respeito com o próximo, sem julgamentos de cor ou raça. O povo brasileiro se formou e 500 anos de histórias não podem ser ignoradas. O nosso país necessita ser um lugar bom para viver para nossas crianças negras, para nossas crianças indígenas, para nossas crianças brasileiras. Essa é uma questão na individualidade das pessoas, e não podemos deixar de citar os programas diante as políticas públicas implantadas pelos líderes políticos. As atrocidades

implantadas no governo passado regrediram a nossa educação, e o respeito mútuo entre a nação aumentou as fronteiras.

Da mesma forma, a "colonialidade do ser" aplica-se na desumanização e no desprezo dos indivíduos colonizados, rejeitando suas contribuições cognitivas pelo fato de suas raízes ancestrais.

> Por sua vez, "a colonialidade do ser" é um conceito criado por Walter Mignolo (2003, 2004), que foi desenvolvido por Nélson Maldonado-Torres (2007,2009), fruto da "colonialidade do poder" e da "colonialidade do saber" e procura tratar dos efeitos da colonialidade vivenciada por sujeitos subalternos. Nesse sentindo a "colonialidade do ser" refere-se a experiência vivida dos seres tomados como inferiores, processo que naturaliza as violências físicas e simbólicas (DULCI &MALHEIROS, 2021 p. 176).

Mignolo (2003) criou o conceito de "colonialidade do ser", este que é fruto das colonialidades do poder e do saber. Basicamente o autor nos explica a colonialidade do ser como as vivências dos seres inferiores, na concepção de ações físicas e simbólicas. Os povos indígenas fazem parte destes grupos minoritários em nosso país, os frutos da colonialidade do ser ainda se fazem presentes nos dias atuais, tendo em vista os governantes que ignoram todas as minorias no Brasil, estimulando que as mesmas sejam padronizadas na sociedade e rejeitem sua própria identidade cultural, impondo uma visão ultrapassada de integração de todos os povos numa única cultura dominante.

A colonialidade da natureza tem como base a divisão entre natureza e a sociedade na qual se nega esta relação milenar entre esses mundos, desprezando esses conhecimentos mágico espiritual e social. Os povos indígenas possuem uma forte ligação com a natureza, na preservação da vida das florestas, dos rios e animais, sendo estes os principais aspectos da sua vida em comunidade.

Para que possamos compreender quais são as influências que a colonialidade teve e tem sobre a natureza precisamos compreender quais são seus efeitos que ainda permanecem em nossas sociedades. Desta forma, entendemos que há uma coexistência entre as noções de modernidade e a colonialidade. Essa coexistência se manifesta na compreensão que temos sobre a natureza e sobre a sua função na sociedade.

Quando aceitamos que a modernidade representa o auge da racionalidade humana e que a Europa e o pensamento europeu são o centro do mundo, consolidam o modo de pensar de que somos inferiores e que o protagonismo só pode vir de fora.

Essa concepção de mundo e de pensar perdura até os dias atuais. Mignolo (2003), nos traz que este avanço só foi possível através da colonização da América, pois a exploração da natureza e das populações que aqui viviam serviu como base para o desenvolvimento do capitalismo e dos países europeus como entendemos hoje.

Sendo assim, a busca pelo desenvolvimento de uma educação intercultural, em meio as suas discussões, reconhece a importância da contribuição de um povo para com o outro, o que chamamos de relações interculturais; essas relações são de extrema importância para enriquecimento do ser.

Relações cognitivas, físicas e emocionais são necessárias para a compreensão do outro. O reconhecimento desta identidade cultural própria que cada grupo social desenvolve historicamente através de gerações e gerações se passa pelo multiculturalismo, visto que ao enfatizar esses levantamentos históricos culturais, temos a possibilidade de conhecer a história do outro, se relacionar, estabelecer essas conexões que são importantes para convivermos em sociedade, desta forma reconhecer a cultura do outro.

Neste sentido aponta Fleuri que:

> [...] o multiculturalismo reconhece que cada povo e cada grupo social desenvolve historicamente uma identidade e uma cultura própria. Considera que cada cultura é válida em si mesma, na medida em que corresponde às necessidades e às opções de uma coletividade. Ao enfatizar a historicidade e o relativismo inerentes à construção das identidades culturais, o multiculturalismo permite pensar alternativas para as minorias (FLEURI, 2018, p.32).

O multiculturalismo permite que grupos culturais que são minorias na sociedade sejam vistos como importantes para a história do nosso povo, com relação a aprendizados que essas culturas podem perpetuar, Fleuri afirma que:

> [...] o reconhecimento e a convivência entre matrizes culturais diferentes no contexto multicultural se configuram como um dos desafios fundamentais para a construção da democracia e da justiça social, uma vez que em todas as sociedades democráticas vem crescendo a sensibilidade para com as liberdades de consciência e de religião (FLEURI, 2012, p.19).

Fleuri (2012) explica ainda que a educação passa a não ser compreendida de um povo para o outro tendo apenas informações ou fatos, essa compreensão necessita de processos em que haja reciprocidade entre esses sujeitos, vivências e ações que possibilitem construções de dúvidas, esclarecimentos, para que dentro desta relação se construa empatia e respeito com a cultura.

> Pensamos que um salto de qualidade importante que pode contribuir para melhor entender a presença da igualdade e da diferença, principalmente nos contextos de ensino e de aprendizagem, está em não as entender como

> opostos, ou seja, tomar o sentido de igualdade como oposto ao sentido de diferença (FLEURI, 2012, p.283).

De fato, o que nos separa como humanos sãos as diferenças que a sociedade impõe naquilo que foge do padrão do que a maioria segue, e é neste momento em que colocamos as diferenças e que surgem os estereótipos e preconceitos. Fleuri (2012), explica que seria necessário um avanço significativo para melhor compreensão dos termos diferença e igualdade, o autor aponta que não devemos entender esses termos como opostos. Cada ser possui uma identidade única e a consequência disso está relacionada a sua cultura, ao modo no qual foi criado, tendo aspectos como tempo e espaço.

Fleuri (2012), aponta a importância da interculturalidade nos tempos atuais justamente por conta das relações globais (poder, capital e mercado), pois a perspectiva intercultural passa a ser configurada como um projeto político, epistêmico e social ético em nossa sociedade.

> No mundo contemporâneo, observa-se que os processos de produção industrial e agrícola, de urbanização e de globalização do mercado têm gerado desenvolvimento científico e tecnológico, ampliando e complexificando as possibilidades de interação humana, social e cultural. Ao mesmo tempo, nota-se o esgotamento das fontes de energia e de recursos naturais, a acelerada destruição da biodiversidade, a saturação da poluição, o aumento do aquecimento global e de desastres naturais, que ameaçam inviabilizar a sustentabilidade da vida no planeta. Ao mesmo tempo, tem se agravado as relações de desigualdade sociocultural e econômico-política, bem como as relações de sujeição e dominação entre povos e diferentes grupos socioculturais (FLEURI, 2012, p. 248).

O desenvolvimento científico precisa estar associado ã responsabilidade social. a ciência descobriu e descobre coisas magníficas, mas o uso da ciência precisa vir acompanhado de responsabilidade social, que muitas vezes implica na possibilidade de melhoria da vida humana, tem adentrado neste paradoxo intercultural no qual ocorrem essas interações.

É necessário expor que muitas dessas relações nem sempre ocorrem de forma afetiva e respeitosa, diante a uma classe dominante que não tem respeito com as minorias, com a história e a cultura do povo, dos distintos grupos sociais, ou seja, há algumas inviabilidades nestes processos de relações interculturais.

A sustentabilidade tem sido condenada pela urbanização e globalização, principalmente do setor agrícola, a não preocupação com recursos naturais, destruição da fauna e da flora, poluição do meio ambiente e outros fatores que estabelecem fronteiras. É necessário expor que muitas dessas relações nem sempre ocorrem de forma afetiva e

respeitosa, diante a uma classe dominante que não tem respeito com as minorias, com a história e a cultura do povo, dos distintos grupos sociais.

A interação com a cultura do outro abre horizontes, é importante olhar com os olhos do outro. Talvez não seja uma tarefa fácil, visto que ao adentrar o novo, podemos ter surpresas, medos e outros aspectos que podem atrapalhar a compreensão do ser. É necessário que possamos estar abertos a compreensão de novos conceitos, aos estudos de novas culturas, a conexão com outros povos, para novas ideias estarem maduras e, tendo sempre como direcionamento necessário o respeito para com identidade cultural, suas cores, sabores e costumes.

É importante que essa cultura indígena perpetue para desmanchar manifestações de preconceito, racismo e ou qualquer tipo de discriminação que foram adquiridos socialmente. E que as futuras gerações ainda possam ter interesse por esta aprendizagem cultural.

4. A UNEMAT E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS

A formação de professores indígenas sempre foi um grande desafio para o Estado brasileiro, em Mato Grosso não foi diferente, um estado com dimensões continentais e com a presença de diversos povos indígenas, e com a necessidade de atender esses grupos, principalmente na área educacional, tornou-se primordial a formação de profissionais para atender esta demanda.

Para tanto, nesta seção discorremos sobre a formação de professores indígenas no Estado de Mato Grosso, bem como a criação da FAINDI - Faculdade Indígena Intercultural, e, destacando o curso de Pedagogia Intercultural desenvolvido em Barra do Bugres, na Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT.

4.1 A formação de professores em Mato Grosso e a criação da FAINDI

Quando pensamos em falar de formação de professores indígenas no Estado do Mato Grosso, precisamos destacar alguns fatos que foram determinantes para que fosse possível pensar em algo específico e diferenciado para estes povos, conforme determina a Constituição Federal de 1988.

No Estado de Mato Grosso vivem cerca de 43 etnias, com uma população estimada em 42.538 indígenas (IBGE, 2010), o que caracteriza um a existência de um estado

pluricultural e multilinguístico. A formação de professores indígenas é uma luta destes povos desde muito tempo, o que demonstra a necessidade da implementação de programas educacionais específicos, diferenciados e voltados para o seu cotidiano, dentre eles, a qualificação e habilitação em nível superior dos professores que trabalham nas escolas das aldeias

Neste sentido, a criação do Conselho de Educação Indígena do estado de Mato Grosso – CEI/MT, no ano de 1995, teve grande importância nesse processo, pois tornou-se um lugar privilegiado para que estas discussões e debates acontecessem e que políticas públicas de formação de professores e de formação continuada, com foco em cursos específicos e diferenciados passassem a ser pensados visando o atendimento e a formação de professores dos próprios povos indígenas para trabalhar em suas aldeias.

Sendo um dos primeiros estados brasileiros neste tipo de formação, o estado de Mato Grosso passou a desenvolver alguns cursos de formação de professores indígenas. Destacamos aqui dois projetos que tiveram grande impacto na formação em nível médio, ou seja, com formação em magistério, sendo eles o Projeto *Tucum* e o Projeto *Haiyô*.

O primeiro projeto pensado para atender esse público foi o *Projeto Tucum*, idealizado pela Secretaria de Educação do estado de Mato Grosso (SEDUC-MT) e teve sua viabilidade através de uma parceria com a FUNAI. Este programa também contou com a parceria com as prefeituras de 17 municípios, organizações não-governamentais, a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e contou com recursos do Banco Mundial, através do Programa de Desenvolvimento Agro-ambiental (PRODEAGRO).

A escolha do nome para este projeto foi em homenagem a uma planta característica do estado de Mato Grosso, cuja palha é muito utilizada pelos povos indígenas nas construções de suas casas e também para a confecção de diversos artesanatos. O objetivo principal deste projeto foi a formação e a capacitação dos professores indígenas, em nível de magistério, para trabalhar em suas comunidades buscando uma integração entre as teorias e as experiências práticas dos povos indígenas.

Ao pensar essa formação procurou-se proporcionar uma formação de fato diferenciada, pensando um currículo intercultural, diferenciado, bilíngue e específico, conforme determina a legislação brasileira, abrangendo desde os conteúdos específicos da cultura indígena até os conhecimentos que interessam à continuidade e a transformação destes indivíduos e também uma metodologia que fosse baseada na realidade dos povos

indígenas que já atuavam nas escolas públicas indígenas de Ensino Fundamental e que não possuíam o Ensino Médio.

Este projeto teve a sua conclusão no ano de 2001 e formou 176 professores dos povos Xavante, Pareci, Irantxe, Bakairi, Bororo, Rikbatsa, Kayabi, Munduruku, Apiká, Nambikwara, Umutina, num processo foi iniciado no ano de 1996, beneficiando cerca de 140 escolas localizadas junto às comunidades indígenas de diversas regiões do Estado de Mato Grosso.

Apesar da abrangência do projeto *Tucum,* muitos povos indígenas do estado de Mato Grosso continuavam sem atendimento. Desta forma, a Seduc, através da Coordenadoria de assuntos Indígenas, em parceria com 25 municípios e outros órgãos do Estado envolvidos com as questões indígenas, desenvolveram o *Projeto Haiyô* – Projeto de Formação de Professores Indígenas para o Magistério Intercultural - objetivando habilitar 300 professores indígenas que trabalhavam no Ensino Fundamental em suas aldeias.

O Projeto *Haiyô* passou a atender 31 etnias do Estado de Mato Grosso em três polos – Diamantino, Canarana e Xingu –, buscando atingir três grandes regiões do Estado de Mato Grosso. A cidade de Diamantino fica localizada na região médio norte do estado de Mato Grosso a 181 KM da capital Cuiabá.

O município de Canarana fica localizado na região leste a 633 KM da capital e o Xingu na Região nordeste do estado a 855 KM da capital. A capacitação aconteceu em dois níveis de aprendizado, o primeiro presencial, realizado no período de férias escolares e em seguida, ocorria o intermediário ou não presencial, com acompanhamento nas aldeias.

Haiyô é uma palavra de origem Nhambiquara que significa *coisa boa, nova caminhada*. O projeto foi criado com a finalidade de atender essa etnia, bem como os Pareci e toda a demanda de índios do Xingu. Este projeto ampliou a oferta de Ensino Fundamental nas aldeias e passou a despertar mais professores indígenas a buscar a qualificação profissional para colaborar no gerenciamento de suas aldeias e para pensar no processo de educação escolar específico e diferenciado que deve ser implantado nas comunidades indígenas.

Estes projetos serviram de base para que a formação de professores indígenas, em nível superior, também entrasse em pauta. Projeto este que ficou a cargo da Unemat, que durante todo o ano de 2000 trabalhou nas negociações políticas e financeiras para a viabilização do projeto, bem como na aprovação do mesmo nos órgãos colegiados da Universidade.

No ano de 2001, iniciou-se o primeiro projeto de formação de professores indígenas em nível superior específico e diferenciado, chamado de *3º. Grau Indígena*, para o atendimento de 200 professores indígenas, sendo 180 vagas para o estado de Mato Grosso e 20 para os demais estados da Federação.

Os cursos tiveram início oficialmente em 2001, com a realização do Vestibular e o início das aulas no mês de julho, para a 1ª Turma. Em janeiro de 2005, tiveram início as aulas para a 2ª Turma dos cursos.

Em junho de 2006, a 1ª Turma de graduação concluiu as atividades do curso, sendo realizada a Colação de Grau e a entrega dos diplomas de licenciados a 186 professores indígenas.

Podemos afirmar que a partir da criação dos cursos de formação de professores, em nível superior, a UNEMAT se torna referência neste tipo de atendimento, onde o chamado *3º Grau Indígena*, foi o passo inicial.

Em que pese as dificuldades de orçamento para o financiamento, que acabam atrapalhando, muitas vezes, a continuidade da formação e do atendimento a estes sujeitos, a universidade segue buscando cada vez mais dar sequência e ampliar seu campo de atuação junto as comunidades indígenas.

Neste sentido, a criação da Faindi, veio para consolidar essa missão e tem como objetivo:

> A Faculdade Indígena Intercultural tem por objetivo a execução dos Cursos de Licenciaturas Plenas e de Bacharelado, com vistas à formação em serviço e continuada de professores e profissionais indígenas; abertura de vagas nos cursos regulares de Pós-Graduação *Lato Sensu* e *Stricto Sensu*; cursos de formação continuada, acompanhamento de acadêmicos indígenas nos cursos de graduação e administração do Museu Indígena a ser implantado (FAINDI, 2022, Online).

A Faindi foi concebida com a finalidade de atender política e pedagogicamente as propostas desses cursos de licenciaturas e bacharelados para os povos indígenas, a fim de que esses pudessem (acessar direitos dentro do espaço acadêmico e conjuntamente com a universidade em sentido intercultural construir uma formação de professores indígenas em que tivessem os seus conhecimentos reconhecidos, bem como, participação nessa formação acadêmica objetivando contribuir com o seu povo nos processos de luta pela educação escolarizada.

Essa formação universitária busca acontecer sem desprezar os conhecimentos, práticas e hábitos que são característicos de cada povo, respeitando seus costumes e suas práticas culturais.

A Faculdade Indígena Intercultural tem colhido bons frutos em sua trajetória, diversas publicações de professores e alunos encontram-se disponíveis na biblioteca do Campus de Barra do Bugres.

São aproximadamente 3.700 publicações, com milhares de fotos registradas e documentos catalogados. Assim como projetos de pesquisa que são de extrema importância para andamento e reconhecimento da Faculdade Intercultural, tendo executado diversas agências de fomento como CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), FAPEMAT (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso), bem como com o Governo do Estado de Mato Grosso.

Com vasta experiência na formação de professores indígenas, a FAINDI conta em seu currículo com diversos povos indígenas do Brasil que já foram alunos ingressantes nos cursos ofertados:

> Em mais de 16 anos de Educação Escolar para indígenas, a instituição já formou/graduou 450 professores indígenas em Licenciaturas Intercultural: Línguas, Artes e Literatura; Ciências Sociais, Ciências Matemática e da Natureza, e Pedagogia e especializou 140 professores. Dos 450 professores Indígenas formados por essa instituição, 43 são do curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural e apresenta-se da seguinte forma: 01 Apiaká, 02 Bororo, 02 Chiquitano, 03 Cinta Larga, 02 Ikpeng, 01 Irantxe, 01 Juruna, 01 Kalapalo, 01 Kamaiurá, 02 Kayabi, 01 Mebêngokrê, 01 Munduruku, 02 Myky, 02 Rikbaktsa, 02 Suruí, 01 Suyá, 02 Tapayuna, 04 Tapirapé, 03 Terena, 01 Umutina, 01 Waurá, 07 Xavante. (FAINDI, 2022, Online).

Dentre seus princípios a Faindi tem promovido essas relações interculturais, possibilitando que esta cultura seja entendida, a fim de contribuir para a educação do povo brasileiro.

A importância de um espaço de ensino superior aos povos indígenas, possibilita que os mesmos possam obter conhecimentos científicos de grandes pensadores que são contribuintes para o entendimento do ser e sua própria formação. Tendo em vista que muitos povos possuem essa vivência libertadora e fiel as suas práticas de ensino, passadas de geração em geração. E não é sobre desprezar o conhecimento de um lado ou de outro, mas sim fazer trocas, obter relações.

Neste sentido, pensar em práticas interculturais é pensar em propostas pedagógicas que envolvem relações de cooperação, respeito e aceitação entre as diferentes culturas e sujeitos, preservando identidades e fortalecendo as trocas de experiências na busca de um crescimento mútuo.

Compreendemos que a construção desta pesquisa, os estudos e discussões se faz necessário para o entendimento de nossa história. A importância disso é para uma sociedade inteira, para o pesquisador, para os povos indígenas, para as futuras gerações, visando uma melhor compreensão, entendimento e respeito com os povos originários.

A FAINDI, portanto, cumpre seus objetivos na formação de acadêmicos indígenas, e como instituição de ensino e aprendizado a importância desses conhecimentos serem perpetuados, estudados e discutidos é um salto para o nosso povo, nos aspectos de ciência e educação.

Além dos cursos de Licenciaturas interculturais, vinculado a FAINDI, no ano de 2020 teve início a primeira turma do Programa de Pós-graduação Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII), sendo o primeiro programa de mestrado indígena do Brasil. No ano de 2023, a FAINDI também passará a ofertar o curso de Bacharelado em enfermagem.

Apresentaremos nesta próxima subseção o curso de pedagogia intercultural indígena, sendo neste curso que encontramos os colaboradores da pesquisa.

4.2 O curso de Pedagogia Intercultural Indígena

Retomo a ideia que a formação de professores para atuarem junto aos anos iniciais, ou seja, a primeira etapa da educação básica, forma primeiramente desenvolvidos via Secretaria de Estado de Educação com os cursos de Magistério Intercultural, no entanto, como forma de acompanhar toda a sociedade brasileira, se tornou necessária a formação em ensino superior para atuar nesse lócus escolar.

É assim que, pensando na continuidade da formação de professores indígenas, especialmente para atender, a educação infantil (onde as comunidades desejarem) e os anos iniciais da educação básica, que no ano de 2012, a Unemat passou a ofertar um curso de Pedagogia Intercultural, conforme podemos observar em seu portal eletrônico, quando afirma que:

> No ano de 2012-2016, além dos cursos de Licenciaturas Intercultural (2011-2016), a UNEMAT passou a ofertar também o curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural, para o qual abriu 50 vagas, todas ocupadas por professores de aldeias indígenas, pertencentes a 32 povos do Estado de Mato Grosso. A finalidade do curso é a formação de docentes para atuar na Educação Infantil, nos anos iniciais do

> Ensino Fundamental, Médio e na Gestão da Educação Escolar Indígena (FAINDI, 2022, Online).

Em 2017 iniciou-se a segunda turma de Pedagogia Intercultural, também com 50 estudantes e com duração de cinco (05) anos. Conforme Ferreira, Sales e Zoia (2021) essa turma foi composta de 18 povos do estado de Mato Grosso, são eles: Apiaká, Arara, Bakairi, Bororo, Chiquitano, Cinta-Larga, Irantxe, Juruna, Kayabi/Kawayweté, Mebengôkre, Meynako, Munduruku, Nambikwara, Haliti-Paresi, Rikbaktsa, Tapirapé, Terena e Xavante.

Ainda de acordo com Conforme Ferreira, Sales e Zoia (2021), as entradas de cada curso são únicas e adentra uma nova turma, apenas quando a anterior já foi concluída por completo.

Os Cursos de Licenciatura específico para indígenas que estudam na UNEMAT são organizados em dois blocos de formação de estudo, o primeiro denominado de Etapa de Estudos Presenciais e o segundo de Estudos Cooperados de Ensino e Pesquisa -Intermediária. Os estudos presenciais são intensivos e ocorrem no período de férias dos professores/as indígenas, já que a formação deles é em serviço e os Estudos Cooperados de Ensino e Pesquisa-intermediário é realizado nos períodos intermediários entre uma etapa intensiva e outra.

Essa etapa que acontece nas aldeias, é comumente denominada como etapa intermediária e desenvolve-se no tempo aldeia, ou seja, dentro das aldeias com o acompanhamento dos professores/as da Faindi.

Conforme afirmam Ferreira, Sales e Zoia, quando relatam sobre os professos de formação de professores,

> Muitos são os desafios nesse emaranhar constitutivo do curso e do se/formar-se professores/as indígenas, as relações são complexas, mas acreditamos que a formação é significada o tempo todo, principalmente, porque acreditamos em coletividade aos estudantes que a formação de professores/as precisa estar em conectividade com a educação indígena, em interculturalidade. É fundamental compreender que a decolonialidade no processo escolarizado se pauta nas pedagogias indígenas, ou seja, nessa conectividade da formação de professores/as e como sabedores da ciência do seu próprio povo. Assim, com desafios e em processo de escuta feita muito fortemente acreditamos na possibilidade de uma formação intercultural e emancipatória (FERREIRA, SALES E ZOIA, p. 56, 2021)

Neste sentido, a Unemat tem por finalidade formar mais do que professores, mas sim, educadores interculturais, considerando a Educação em espaços escolares e espaços não

escolares quando em meio a aldeia se estende as ações de educação também na perspectiva escolar, mas com a participação das pessoas que estão na aldeia, inclusive dos anciãos.

São currículos construídos em formação de profissionais que estejam atentos à realidade de seus respectivos povos e comunidades, intervindo em suas realidades de modo a valorizar a cultura tradicional sem perder de vista a compreensão de saberes ocidentais que subsidiam todo o sistema formal de educação escolar e sustentam as lógicas de funcionamento da sociedade envolvente.

Sendo assim, a elaboração e o desenvolvimento do curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural, visa atender e cumprir com as determinações contidas nos documentos e resoluções que orientam a oferta destes cursos, tais como: RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1/2006, RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1 de janeiro de 2015; RESOLUÇÃO N°2 de julho 2015 e os Referenciais Para Formação de Professores Indígenas (MEC/2002), CONAE 2016 (Conferência Nacional de Educação) conjunto de legislação que vem ao encontro das expectativas dos povos indígenas.

Os pressupostos dessas legislações buscam atender o que pensam e o que esperam os povos indígenas acerca da educação escolar, de modo a proporcionar o diálogo entre as diferentes culturas.

Pensando nos aspectos das práticas corporais contidas no PPC do curso de Pedagogia Intercultural, encontramos o componente curricular: MOVIMENTOS, JOGOS E BRINCADEIRAS INTERCULTURAIS, cuja em Ementa traz questões tais como: História do corpo, as especificidades do corpo e a aprendizagem (funções motoras, estudos sobre o córtex e órgãos da percepção e psicomotricidade). Compreensão do fenômeno corporal (fenomenologia da existência, corporeidade e aprendizagem). Corpo, cultura e identidade. Movimento, Jogos e brincadeiras étnico culturais.

Mesmo que no ementário do curso apareça especificamente uma disciplina para organizar pedagogicamente a inclusão da ‘educação física’ no curso, as questões relacionadas aos jogos, cultura e brincadeiras compõem a compreensão da linguagem e da corporeidade e perpassa por toda a proposta curricular já há uma vivência no curso a partir dos processos culturais desses povos.

Exemplo disso são os estudos realizados por alguns dos estudantes indígenas do curso de pedagogia em seus trabalhos de conclusão de curso, momento inclusive que pude participar e contribuindo.

Dança feminina: Kohixoty Sêno Terenoe da aldeia Kopenoty /MT;

A importância da brincadeira na formação das crianças Awytydo;

A festa da seca e a participação da educação escolar;

Prática cultural xavante: furação de orelha;

Cultura tradicionais xavante: danças dos adolescentes;

Caçada de fogo do povo xavante, uma prática de etnoconhecimentos cultural ambiental;

Essas são alguns estudos que envolvem a prática de corporeidade e, portanto, uma linguagem presente na educação física. As demais pesquisas-estudos feitos pelos acadêmicos do curso de pedagogia de alguma forma sempre faz um diálogo com o corpo indígena, com a corporeidade e, assim também o currículo da pedagogia é construído dentro desse diálogo porque a formação desses professores é para atuar com as crianças da educação infantil até o quinto ano do ensino fundamental, e uma das coisas mais importante é trabalhar um currículo de formação de professores que entendam as crianças e o mundo onde elas vivem, com aproximação da cultura e conhecimento do seu corpo e da sua corporeidade presente na cultura.

5. A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS CORPORAIS PARA OS ACADÊMICOS DA FAINDI

Buscamos apresentar nesta seção os povos indígenas dos quais os participantes da pesquisa fazem parte. Nesta seção trazemos a diversidade de práticas corporais expressas pelos nossos sujeitos buscando compreender como as práticas corporais acontecem no dia a dia das comunidades, sendo que elas poderiam aparecer relacionadas aos jogos e brincadeiras, danças, pinturas corporais, rituais, e especificando quais seriam os benefícios que estas práticas corporais poderiam trazer para a formação e educação do corpo.

Para buscar suprir as questões levantadas, as perguntas direcionadas aos entrevistados foram diretas e buscando ser o mais claras possíveis para que os mesmos compreendessem o real sentido daquilo que estávamos perguntando e na maioria das vezes seguiu um roteiro flexível, para que a interação fosse próxima a uma roda de conversa, um bate papo sobre suas práticas cotidianas, seguindo um roteiro pré-estabelecido. À medida que íamos dialogando procura compreender a relação corpo-cultura na cotidianidade étnica dos colaboradores da pesquisa.

5.1 Os Povos indígenas participantes do estudo

O estado de Mato Grosso possui cerca de 43 povos indígenas, rico em diversidade cultural, estes povos estão espalhados em toda parte do estado onde cada um possui sua própria identidade.

De acordo com Mori, Cruz e Quintino (2017, p.570) “no Brasil são faladas em torno de 210 línguas e as línguas indígenas representam 85,7% desse total, ou seja, as línguas indígenas representam a maior parte da diversidade linguística no Brasil”. Ainda conforme Mori, Cruz e Quintino (2017) Mato Grosso tem em média dentre os povos que aqui tem, 34 línguas ainda com falantes além de indícios de nove etnias ainda não contatadas.

> Essas línguas presentes no estado de Mato Grosso pertencem a dois troncos genéticos e a duas famílias linguísticas da América do Sul: o tronco Tupi, o tronco Macro-Jê, a família Aruak e a família Karib. Entretanto, vale destacar que ainda há grupos linguísticos, como os Nambikwara, que não se associam geneticamente a nenhuma outra família ou tronco linguísticos nas Américas, além das línguas isoladas (MORI, CRUZ E QUINTINO, 2017, p.570)

Na Faindi, especificamente no curso de pedagogia como já dissemos, nesta segunda turma são 18 etnias de diversos povos e para a colaboração desta pesquisa teremos um total de 7 acadêmicos/as de povos indígenas diferentes como participantes, conforme se apresentam no quadro abaixo, com os acadêmicos entrevistados. Esclareço que dos 7 acadêmicos entrevistados quatro falam fluentemente a língua materna do seu povo, Mehinako, Yudja, Haliti-Paresi, Xavante, os demais têm falantes em suas aldeias.

Apresento abaixo a tabela dos colaboradores da pesquisa, com a intenção de demonstrar algumas informações interessantes para identificação e o lugar onde residem.

Tabela 1- Colaboradores da pesquisa

Acadêmico (a)	**Idade**	**Gênero**	**Etnia**	**Localização**
Ayue Meynako	36 Anos	Feminino	Mehinako	Alto Xingu – Gaúcha do Norte-MT
Marakadi Juruna	37 anos	Masculino	Yudja	Aldeia Maida- Alto Taquari-MT
Luciana Mendes Tamana	37 anos	Feminino	Munduruku	Juara-MT
Renata Sirajup Mendes Tamana	28 anos	Feminino	Kayabi	Aldeia Tatuí -Juara-MT
Wellington Kezowe	29 anos	Masculino	Haliti-Paresi	Tangará da Serra-MT
Anginildo Zikbomy	31 anos	Masculino	Rikbaktsa	Aldeia Beira Rio- Brasnorte-MT
Sere rurã Surü prédu	27 anos	Masculino	Xavante	Ribeirão Cascalheira-MT

Fonte: elaborada pelo autor (2023)

É importante salientar que alguns dos colaboradores são do Parque Indígena do Xingu, este criado na década de 60. Esse parque inicia no Mato Grosso e termina no norte do Pará. Assim, o povo indígena Mehinako estão localizados no parque indígena do Xingu e são conhecidos como alto-xinguanos. Estudos apontam que estão habitados a mais de 150 anos. O povo Mehinako possui como língua materna a língua Aruak, é um dos principais diferenciais entre os outros povos do alto xingu.

O povo Yudja estão na Amazônia brasileira, e também no Parque Indígena do Xingu, e são divididos em dois grupos, um se localiza no baixo Xingu, no estado de Mato Grosso, e o outro no médio Xingu em Altamira, no estado do Pará. A distância entre esses dois grupos é enorme, cursada apenas pelo mesmo rio. A língua materna do povo Yudja é a língua do tronco tupi.

Os Kawaiweté, que também são conhecidos como Kayabi, também são indígenas que são conhecidos pela característica guerreira e estão no parque indígena do Xingu, na Terra Indígena Kaiabi, localizada no baixo curso do rio Teles, na aldeia Kururuzinho no Pará e também no noroeste do estado de Mato Grosso. Trata-se de um grupo indígena Tupi, falantes da família linguística tupi-Guarani. A colaboradora da pesquisa se encontra residindo no noroeste de MT na aldeia Tatuí, Terra Indígena Apiaká-Kayabi.

Os guerreiros Munduruku, são originários da região do Tapajós estão situados principalmente no Pará. Os que habitam no Mato Grosso estão no município de Juara, na região do Rio dos Peixes, no norte do estado.

> [...]existem várias aldeias no Estado do Pará, situadas no interflúvio Tapajós/Madeira, nos afluentes Canumã, Sucundari, Mari-mari e Cururuzinho. Como também no Estado do Amazonas na região da cidade de Nova Olinda e em Mato Grosso, na Terra Indígena ApiakáKayabi, onde localiza-se a aldeia Munduruku (Fig 1), às margens do Rio dos Peixes, a qual esta dissertação se propõe estudá-la. Nesta T.I. habitam mais duas etnias, Apiaká e Kayabi (NASCIMENTO, 2015, p.34)

O povo Munduruku tem a língua pertencente à família linguística Munduruku, do tronco Tupi. A colaboradora reside na Terra Indígena Apiaká-Kayabi, na aldeia Munduruku.

Historicamente o povo Rikbatksa são ocupantes tradicionais do sudoeste amazônico, sempre encontrados as margens do Arinos, Juruena, e Rio do Sangue. Popularmente conhecidos como canoeiros e pois, são excelentes na condução das canoas e conhecedores das águas, também como orelhas de pau por causa dos batoques que usam nos lóbulos das orelhas. Os Rikbatksa vivem em três terras indígenas na mesma região: a Terra Indígena Japuíra, a TI Escondido e a TI Erikbaktsa. O Rikbaktsa participante como colaborador reside

na região noroeste do estado de Mato Grosso, próximo a cidade de Brasnorte-MT, na aldeia Beira rio, TI Erikbaktsa. Atualmente as novas gerações possuem como língua o português, os mais antigos possuem uma língua familiar não classificada macro-jê.

O povo Paresi tem como auto denominação Haliti. A língua do povo Paresi da família aruak pode ser falada em diferentes grupos Paresi como wáymare, kozárene, kaxínti, warére e káwali

> [...] o povo Haliti-Paresi é falante da família linguística Aruak e estão no Estado de Mato Grosso, aldeados em nove Terras Indígenas: Paresi, Utiariti, Rio Formoso, Juininha, Estivadinho e Figueiras já homologadas e demarcadas; as Terras Indígenas Uirapuru, Ponte Pedra e Estação Parecis que estão em processo de demarcação. Essas terras ocupam os espaços geográficos dos municípios de Tangará da Serra, Sapezal, Campo Novo do Parecis, Conquista do Oeste, Barra do Bugres,Campos de Júlio, Nova Lacerda, Diamantino e Nova Marilândia (FERREIRA E ZONIZOKEMAIRÔ, 2021, p.2).

O colaborador da pesquisa é da Terra Indígena Paresi da aldeia Arara Azul, no município de Tangará da Serra.

O povo Xavante se autodenominam como A'uwe, eles são bastante populares e conhecidos no estado de Mato Grosso, esse grupo é o mais numeroso e tem como língua à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê. Existem 9 terras indígenas Xavante: TI Marechal Rondon, Sangradouro, São Marcos, Parabubure, Chão Preto, Ubawawe, Areões, Pimentel Barbosa e Maraiwatsede. Os xavantes têm suas terras próximos a serra do Roncador que fica nas proximidades da cidade de Barra do Garças.

A partir dessa contextualização, visualizamos a diversidade geográfica e também cultural em relação a diversidade de povos indígenas que fazem parte desta pesquisa e que também se encontra no espaço formativo da Faindi, dado que nos permite afirmar que não é possível pensar um processo educativo comum para povos indígenas tão diversos.

Ao se encontrarem neste ambiente, a proposta da educação intercultural ganha evidencia, pois enfatiza o campo das diferenças como formas de fortalecer as características inerentes a cada cultura indígena, ao passo que se reconhecem e se diferenciam por meio de suas práticas corporais. Com isso, pensar as individualidades para cada contexto étnico, nos faz perceber as implicações assumidas na educação das corporeidades indígenas, uma vez que carregam nas gestualidades todos os signos da cultura mãe que se imbrica com a cultura da educação escolarizada.

5.2 A diversidade de práticas corporais indígenas dos estudantes da Faindi

Falar das práticas corporais indígenas provou ser uma tarefa árdua tendo em vista que coletar esses dados necessitou de várias interações, todas as respostas foram coletadas e mesmo seguindo o roteiro, as interações foram naturais levando a outros assuntos e temáticas, inclusive com participação de falas do próprio mediador. Isso ocorreu para que pudesse trazer mais transparência aos dados e que também pudesse deixar os entrevistados o mais confortável possível, é importante descrever que o objetivo sempre foi trazer conforto e tranquilidade aos entrevistados.

Portanto sempre buscamos obter essas informações reelaborando as perguntas, em meio um bate papo, primeiramente estabelecido a distância, via *WhatsApp*, em virtude do período pandêmico que afetava a nós todos, posteriormente, com o retorno das aulas presenciais, a conversa pode ser realizada de pessoalmente, sempre visando deixar os entrevistados numa situação confortável e prazerosa.

Sendo assim, a cada possível interação entre intervalos para as refeições, construção de slides, correção de atividades, nessas situações iniciávamos um diálogo e com isso eu coletava mais dados.

Dentre as diversas práticas corporais apresentadas pelos nossos colaboradores, a grande maioria deu ênfase nos rituais mais importantes para seu povo, estes que são mais utilizados e que são partes da história da cultura de seu povo. Fleuri (1999) nos alerta sobre as interações entre culturas diferentes para de fato compreendermos a realidade do outro.

> A interação com uma cultura diferente contribui para que uma pessoa ou um grupo modifique o seu horizonte de compreensão da realidade, uma vez que lhe possibilita compreender ou assumir pontos-de-vista ou lógicas diferentes de interpretação da realidade ou de relação social (FLEURI,1999, p.280).

Este bloco visa apresentar a diversidade das práticas corporais dos povos indígenas do Mato Grosso, em destaque aos que foram colaboradores desta pesquisa. E a interação entre o pesquisador e os colaboradores a fim de compreender tal realidade. A forma com que buscamos interpretar as práticas corporais apresentadas, tivemos como foco compreender de fato, como essas práticas educam os corpos indígenas.

No povo xavante, povo de identidade guerreira, apresentou a preparação do corpo com as pinturas (Daupté) para o ritual Wapté em A'ibo, ritual que tem como objetivo a passagem do menino adolescente para se tornar homem. As práticas corporais deste ritual são como lutas, que visa prepará-lo para ser um guerreiro protetor de seu povo.

> Ritual que torna o Wapté em A'ibo (Adolescente em Homem). Daupté. Pintura que predomina o urucum, tem o uso específico nas lutas O'ió. Tem o significado de Guerreiro ou o mais preparado. Daupté. Pintura que predomina o urucum, tem o uso específico nas lutas O'ió. Tem o significado de Guerreiro ou o Mais preparado (Acadêmico Xavante em entrevista no dia 6 de junho de 2022).

Compreender o ritual do povo Xavante com esse objetivo de preparação de tornar-se um jovem menino em um home guerreiro, são práticas corporais que são passadas de geração em geração, conhecimentos que são perpetuados por este povo por muitos anos. As crianças já são educadas em cima desses conhecimentos e desses rituais.

Nascimento e Zoia (2019), descrevem que devemos nos apropriar da ideia de que essas relações são necessárias para que haja aprendizagem do conhecimento dessas culturas.

> O ser humano se apropria de conhecimentos culturais por meio das gerações anteriores, a cultura é repassada entre as gerações. A aprendizagem se dá no espaço físico e social e são através das relações entre os sujeitos que se constituem seus valores e suas crenças, que são determinantes em suas ações. Desde o nascimento a criança é imersa na vivência social, aprende os signos e símbolos culturais estabelecidos nesse meio (NASCIMENTO; ZOIA, 2019, p.88).

A sociedade desses conhecimentos culturais para ter uma melhor compreensão e entendimento da formação da identidade dos povos indígenas que se passam através dessas práticas corporais. Penso que talvez a sociedade não tem o conhecimento dessa diversidade corporal que tem entre os povos indígenas do Brasil.

Para os Yudja, um ritual que me chamou atenção pelo nome foi o da menina moça e intrigado perguntei para que a mesma para que me explicasse melhor como funcionava. Prontamente a acadêmica começou a relatar explicando que tudo começa com a preparação do corpo:

> A celebração da menina moça ocorre por conta da sua primeira menstruação, aí o pai marca a sua festa né? porque tem a máscara, o pai que decide a festa, a minha filha ficou reclusa por um mês, eu estava aqui em aula e ela ficou lá com minha mãe e minha vó, para ter os ensinamentos. A festa começa assim que o sol nascer, a celebração dura uma meia hora, aí tem comida (biju, carne de caça, essas coisas), todo mundo participa, aí tem dança, tem jogo e tem brincadeira. (Acadêmico Yudja em entrevista no dia 6 de junho de 2022).

A celebração da menina moça é uma grande festa que tem a representação da transição da menina para a vida adulta. Existe todo um processo de reclusão, ensinamentos, preparação do corpo, vestimentas e a celebração com comidas típicas do povo Yudja.

Esse ritual da menina moça é especificadamente para as mulheres da aldeia e somente restrito a elas, tendo em vistas rituais que também são restritamente só para a participação dos homens. As pinturas corporais do povo Yudja são usadas com frequência, sendo que existem

diferentes pinturas para cada grupo social e com seus significados para crianças, homens e mulheres.

> Preparação: os homens fazem a caçada e pescaria, as mulheres colhem a mandioca para fazer preparação de bebidas tradicionais como o caxiri. O dono do ritual une as pessoas, orienta todo mundo a respeitarem o momento sagrado, caracteristicamente o corpo é pintado e enfeitado para esse momento. No outro ritual tem dança de mutum, dança de jaguar e dança jatubi só que esses rituais as comunidades quase não usam mais por falta de pajé, mas existem ainda (Acadêmico Yudja em entrevista no dia 6 de junho de 2022).

Outras práticas distintas foram identificadas, como as brincadeiras, os jogos, e as celebrações que são interativas entre todos da aldeia e visam a unir toda a comunidade.

> Os jogos que tem no meu povo são a competição de cabo de guerra, canoagem, arco e flecha e brincadeiras de imitação do mito. Faz apresentação, contando história imitando como se passa na história, é uma comédia. Ritual como flauta sagrada, fica noite dançando, celebrando e até o amanhecer. Une comunidades da aldeia e participantes de outras aldeias (Acadêmico Yudja em entrevista no dia 6 de junho de 2022).

Questionado sobre a importância desses rituais para a comunidade, ressalta sobre o respeito para com esses momentos que para a comunidade realiza são sagrados. E que as atividades que são propostas são da cultura desta comunidade que são passadas de geração em geração.

Com relação as práticas das danças e festividades obtivemos as seguintes informações sobre a preparação do corpo para essas práticas:

> Preparação: os homens fazem a caçada e pescaria, as mulheres colhem a mandioca para fazer preparação de bebidas tradicionais como o caxiri. O dono do ritual une as pessoas, orienta todo mundo a respeitarem o momento sagrado, caracteristicamente o corpo é pintado e enfeitado para esse momento. No outro ritual tem dança de mutum, dança de jaguar e dança jatubi só que esses rituais as comunidades quase não usam mais por falta de pajé, mas existem ainda (Acadêmico Yudja em entrevista no dia 6 de junho de 2022).

O povo Yudja em suas práticas corporais apresentam esses momentos sagrados, que são caracterizados por transições de maturidade, pinturas corporais, festas e celebrações e que o objetivo é sempre unir os povos que ali vivem.

Soares e Silva (2003) explicam sobre as transformações que o corpo recebe através do tempo.

> O corpo é uma evidência que nos acompanha, e é difícil aceitar as transformações ganhas com o tempo, conviver com as marcas deixadas pelos dias e pelas noites em seus infinitos ciclos carregados de ágoras, de sentimentos, de dores e de regozijos, da ambiguidade característica do existir humano. O corpo é essa memória material de todas as marcas (SOARES; SILVA, 2003, p.127).

Essas mudanças corporais para os povos indígenas são celebradas em suas práticas corporais, conforme os rituais apresentados pelos povos Xavantes e Yudja, por essas transições de maturidade, idade e corporal.

No povo Munduruku, um dos nossos entrevistados também relata que sobrevivem dos alimentos da roça, pois ainda vivem de caça e pesca e frutos naturais, e que é muito bom viver desta forma. Em sua aldeia possui um ritual importante para seu povo, que é a pescaria de timbó.

> Esse é considerado importante para nosso povo. A comunidade toda participa desde crianças e até idosos. Quando vai bater timbo os homens que buscam o timbo do mato, mas também tem o que se planta. Chegando no local é cortado em feixes põe em cima do pau batendo no feixe para que libere um líquido pois é este que faz com que o peixe fique sem oxigênio. Lá no local as mulheres levam o urucum passam na cabeça pintam o rosto dos homens e vice-versa. As mulheres grávidas não podem ir no local, nem mulheres menstruadas, não pode fazer xixi na água se não os peixes não morrem (Acadêmica Munduruku em entrevista no dia 24 de janeiro de 2022).

Para o povo Kayabi os rituais estão voltados a uma conexão espiritual que visa a preservar e recuperar a saúde da comunidade, nomeado de pajelança.

> Sim na aldeia existe ritual, como pajelança do pajé que quando tem o paciente ruim com espírito mal, é realizado e temos as danças, cantos kawaiwete. As danças são realizadas quando é organizado pela comunidade e cantos são cantadas na língua materna. (Acadêmico Kayabi em entrevista no dia 10 de outubro de 2022).

O povo Haliti-Paresi possuem rituais que visam ofertar a sua divindade, a fim de uma proposta de um bem maior como a plantação e a colheita de seus alimentos. E as festas para celebrar as graças recebidas. E as festas tradicionais que acontecem na época da seca, batizado de criança, da menina moça e a recuperação da pessoa doente que quase morreu.

> Sim tem as oferendas de 1 fartura da plantação e da caça que são muito importantes pra nossa proteção de tudo mal e fortalecer a saúde. E oferenda (Fetati ou fetatya) O ritual conta com o um banquete de comida em oferenda o pajé ou pessoa sabia que sabe fazer oferenda pode estar fazendo cânticos e orações para atrair os bons espíritos e pedindo a pretensão a comunidade da aldeia. É importante para mim a valorização da nossa cultura manter ela sempre viva, porque é umas das identidades do nosso povo, porque é rica onde tem que ser valorizada a língua materna, para benzer, fazer cantos, danças, mantendo essa cultura imaterial sempre será valorizada a nossa cultura, e ser trabalhados como conteúdo para ser ministradas na sala de aula (Acadêmico Paresi em entrevista no 17 de janeiro de 2023).

Compreendemos, portanto, a diversidade das práticas corporais entre os povos indígenas do estado de Mato Grosso. Essa diversidade se dá pela cultura que cada um cultuou

através dos anos de história. Essas práticas corporais contam a história de seu povo, na qual para eles são importantes para as futuras gerações manter esses costumes.

Soares e Silva (2003) nos faz refletir sobre as conexões que o corpo tem com a cultura, a natureza, elementos que geram diversas identidades pelo mundo.

> A humanidade não é constituída por um corpo, mas por muitos, tantos quantos são os sujeitos pertencentes às muitas culturas que povoam o planeta. Apesar disso, o corpo, como organismo e elemento da natureza, também nos atribui parte da condição humana e identidade da espécie. A interconexão que estabelece com a cultura e a natureza, sendo integralmente de ambos os domínios, é que confere ao corpo humano sua singularidade no mundo e sua riqueza como ponto de partida para uma reflexão crítica (SOARES; SILVA, 2003, p.133).

Compreendemos que o corpo humano é um corpo cultural, um corpo que se desenvolve através identidade de cada um, da cultura, dos costumes, dos gestos, das suas práticas corporais.

5.3 A importância das práticas corporais para a cultura indígena e para a formação acadêmica na Faindi

A importância da cultura para um povo, reflete no orgulho de pertencer a um legado que visa manter a história daquela comunidade viva. Em conversa com os colaboradores desta pesquisa, discutimos a respeito desses rituais e sua importância, para os mesmos que são acadêmicos do curso de pedagogia intercultural indígena.

Nascimento e Zoia (2019) contribuem sobre a importância da educação cultural que deve ser repassada de geração em geração a fim de que esses saberes sejam aprendidos e compreendidos

> Compreendemos que a concepção da educação na infância é a da liberdade de aprender, de ser e estar. Sua presença é marcante em todos os espaços, pois são agentes socializantes, são compreendidas como as pessoas que deixam o ambiente alegre. Entendemos que a educação indígena se vale da interação social e possibilita que a criança adquira os saberes de seu povo, seja por meio da oralidade, como também das ações coletivas que firmam a aprendizagem destes saberes entre as gerações. (NASCIMENTO; ZOIA, 2019, p.89).

Os colaboradores desta pesquisa contribuíram com suas opiniões da importância da cultura, das práticas corporais para eles que estão nesta empreitada acadêmica na Faindi. O acadêmico da comunidade indígena Kayabi relatou sobre a importância dessas práticas para a comunidade e para a escola.

> A importância desse ritual “pajepança” para nós da comunidade, é que temos que fortalecer, não deixar enfraquecer. A cultura é sempre importante para a comunidade

> e escola. Ela vem sendo fortalecida pela comunidade e escola, por nós futuros professores e para as novas gerações (Acadêmico Kayabi em entrevista no dia 24 de janeiro de 2022).

A fala “não deixar a cultura enfraquecer”, é a mais repetida entre todos os acadêmicos indígenas entrevistados. O acadêmico indígena Haliti-Paresi fala que essas práticas da cultura de seu povo são importantes para a sua identidade como ser vivo.

> A cultura ela é de suma importância, porque ela que vai dizer qual é sua origem, ela é importante porque ela é uma identidade e tem que ser valorizado pra transmitir geração a geração. A cultura de um povo está enraizada em qualquer indivíduos vão desde objetos e ações, armar rede, caça pesca, falar, jogos, comidas, danças, festas, Agora uma pessoa tem que saber da sua cultura a sua identidade para poder sair do seu território se não souber e quando sair se ela não souber a sua identidade ela será qualquer ou uma pessoa perdida numa sociedade (Acadêmico Haliti-Paresi em entrevista no dia 16 de fevereiro de 2023).

A necessidade de passar esses conhecimentos de geração em geração é bastante mencionada pelos nossos colaboradores conforme diz a acadêmica Munduruku:

> A importância que este é repassado o conhecimento de geração em geração. A gente aprende como é bom estar com as pessoas e vivenciamos diferentes modos de pesca como essa prática é muito bom e que este sempre é uma prática no coletivo. A importância da cultura para mim é que ela vem demonstrar que nela temos os costumes a tradição que é diferente de cada povo. Onde respeitamos várias regras que temos em nossa comunidade (Acadêmica Munduruku em entrevista no dia 24 de janeiro de 2022).

Nas entrevistas identificamos que os futuros pedagogos falam da importância de conhecer bem essas práticas, é necessário saber tudo sobre o seu povo, para ensinar os mais jovens e também para orientá-los na educação escolar Indígenas. O acadêmico Xavante explica a importância dessas práticas para seu povo:

> A importância do ritual para mim é não esquecer da nossa origem de passagem dentro da cultura Xavante A'uwe uptabi e saber mais importância da Ritual e transmite para geração que vem chegando e eu como professor para ensinar da importância na escrita (Acadêmico Xavante em entrevista no dia 16 de fevereiro de 2023).

Dando segmento, um dos primeiros registros que tive foi com a acadêmica Mehinako, a mesma já atua como professora em sua comunidade, buscando agora na Faindi a sua diplomação. A mesma descreve que sempre foi seu sonho ser professora e alerta sobre as mudanças do mundo e como isso pode atingir o seu povo:

> [...] eu estou no caminho querendo realizar meu sonho de ser uma professora aqui na aldeia, e tudo o que eu estou vendo aqui está tendo muita mudança sobre nossa cultura a gente fazia brincadeiras e agora está tudo mudando. Ai por diante eu quero e eu vou, eu vou registrar para não se perder, porque do jeito que está agora está

> tudo mudando, a minha aldeia está esquecendo a nossa cultura, as brincadeiras, desde pequeninha eu praticava as brincadeiras, hoje em dia está esquecendo um pouco. Daqui em diante eu quero registrar, tenho que sentar com os anciões e conversar porque mudou muito as coisas por aqui (Acadêmica Mehinako em entrevista no dia 18 de fevereiro de 2022).

Percebemos na fala da acadêmica a preocupação com o registro das práticas culturais que são desenvolvidas na aldeia, pois com o tempo a mesma tem percebido que muitas coisas estão caindo no esquecimento e que, para a cultura do povo se manter viva é necessário o seu conhecimento, registro e divulgação.

De fato, com tantas mudanças climáticas, tecnológicas e político-sociais, o povo brasileiro em si tem deixado a história pelos cantos, e a necessidade de que isso seja registrado e mantenha a cultura dos povos originários sempre em evidencia, demonstrando assim a valorização da nossa cultura. Com relação as crianças de seu povo a entrevistada pontuaram alguns momentos de lazer das mesmas:

> As crianças eles brincam assim, eles não precisam pintar o corpo, eles fazem as brincadeiras deles, eles se juntam, eles sobem nas árvores, os que tem facilidade. Os jogos deles é assim, inicia quando pega no pé ou na pele daí pode parar e pode começar tudo de novo também. Eles vão na água também, vão no rio brincar e eles fazem esconde-esconde na água mesmo, brincam e eles correm um atrás do outro. As crianças de 12 anos têm vergonha de ficar assim pelado. (Acadêmica Mehinako em entrevista no dia 18 de fevereiro de 2022).

Para os professores indígenas a cultura dos seus povos é rigorosamente importante para o aprendizado, é saber tudo dentro de um ritual tradicional, as funções de cada membro, as brincadeiras, as festas e celebrações. É necessário ensinar as futuras gerações, principalmente os jovens na escrita e poder trabalhar na educação escolar indígena.

Nossos entrevistados falam de um receio de enfraquecimento da cultura de seu povo e da necessidade de que seus costumes devem continuar sendo ensinados. Principalmente em seus rituais, assim como as danças que expressam a história de seu povo.

A acadêmica Kayabi, relata que seu cotidiano é tranquilo e a aldeia é um lugar muito bom de estar, de viver. Pois se sente livre e pode ir onde bem-querer.

> As danças são realizadas quando é organizado pela comunidade e cantos são cantadas na língua materna. Pajelança: a importância desse ritual para nós da comunidade, é que temos que fortalecer, não deixar enfraquecer. A cultura é sempre importante para a comunidade e escola. Ela sendo fortalecida pela comunidade e escola. Sim na aldeia existe ritual, como pajelança do pajé que quando tem o paciente ruim com espírito mal, é realizado e temos as danças, cantos kawaiwete (Acadêmica Kayabi em entrevista no dia 24 de janeiro de 2022).

As danças que são realizadas no povo Kayabi são organizadas pela comunidade e os cantos são cantadas na língua materna. Sobre a ritual pajelança, ela dá importância desse ritual para sua comunidade, visando fortalecer, não deixar enfraquecer. Pois cultura é sempre importante para a comunidade e também para escola. Através destas práticas compreendemos que a cultura vem sendo fortalecida pela comunidade e pela escola indígena.

No povo Munduruku, um dos nossos entrevistados também relata que sobrevivem dos alimentos da roça, pois ainda vivem de caça e pesca e frutos naturais, e que é muito bom viver desta forma. Em sua aldeia possui um ritual importante para seu povo, que é a pescaria de timbó.

> Esse é considerado importante para nosso povo. A comunidade toda participa desde crianças e até idosos. Quando vai bater timbo os homens que buscam o timbo do mato, mas também tem o que se planta. Chegando no local é cortado em feixes põe em cima do pau batendo no feixe para que libere um líquido pois é este que faz com que o peixe fique sem oxigênio. Lá no local as mulheres levam o urucum passam na cabeça pintam o rosto dos homens e vice-versa. As mulheres grávidas não podem ir no local, nem mulheres menstruadas, não pode fazer xixi na água se não os peixes não morrem (Acadêmica Munduruku em entrevista no dia 24 de janeiro de 2022).

Durante a entrevista ela explicou a importância que deste ritual ser repassado de geração em geração, pois é um conhecimento necessário, para aprender como é bom estar com as pessoas e vivenciar diferentes modos de pesca, pois essa prática é no coletivo. A importância da cultura para ela é para demonstrar que nesses rituais, eles possuem os costumes, a tradição e que é diferente de cada povo. Onde respeitam várias regras que tem na comunidade.

Com relação as práticas das danças e festividades obtivemos as seguintes informações sobre a preparação do corpo para essas práticas:

> Preparação: os homens fazem a caçada e pescaria, as mulheres colhem a mandioca para fazer preparação de bebidas tradicionais como o caxiri. O dono do ritual une as pessoas, orienta todo mundo a respeitarem o momento sagrado, caracteristicamente o corpo é pintado e enfeitado para esse momento. No outro ritual tem dança de mutum, dança de jaguar e dança jatubi só que esses rituais as comunidades quase não usam mais por falta de pajé, mas existem ainda (Acadêmico Yudja em entrevista no dia 6 de junho de 2022).

É necessário descrever que muitos dos entrevistados apontaram sobre a falta do pajé em suas aldeias e que esse fato tem impactado na realização de diversos rituais e celebrações. Afirmam que com isso algumas práticas que antes eram comuns nas aldeias, acabam não sendo mais realizadas.

Os entrevistados também apontaram sobre práticas que atualmente não são utilizadas em especial com as crianças das aldeias. Algumas brincadeiras que foram esquecidas, isso devido a introdução de aparelhos tecnológicos que também começaram a fazer parte do cotidiano das aldeias indígenas.

> Eu sinto falta de algumas brincadeiras antigas que não tem mais, como a peteca que raramente tem as vezes, tem a do chumbinho né? com a bolinha verde da folha do jenipapo e também não brinca mais. Hoje tem jogo de bola, e joga todo mundo junto (mulheres e homens). O arco flecha todo mundo pratica, porque isso é a cultura da gente, os mais antigos ensinam, mas tem uns que não leva jeito né? (Acadêmico Yudja em entrevista no dia 6 de junho de 2022).

Referente as práticas de arco e flecha o acadêmico Yudja comentou ser uma das manifestações mais antigas de seu povo, e que em sua aldeia todos devem praticar pelo fator cultural enraizado em sua aldeia, contudo a mesma alega que nem sempre todos tem habilidades no manejo com o arco e flecha. Vejo a supervalorização de um povo com sua cultura, em manter antigos hábitos compreender a sua importância e visar passá-lo de geração em geração.

As pinturas corporais para o povo Xavante possuí uma diversidade de utilidades, seja em cerimonias, rituais ou festividades, alegando sempre ter um momento específico para cada uma delas.

> O sentido das pinturas dos indígenas varia muito de povo para povo. O meu povo em específico usa a pintura apenas em Cerimônias, Rituais ou festas, tendo para cada momento a sua pintura específica. O povo Xavante faz o uso basicamente do Carvão e Urucum nas suas pinturas. Esse é o dauhö. Pintura dos Guardiões/Anjos, predominante no carvão. Temos a prática de usar ela nas lutas (O'ió) e caça (Acadêmico Xavante em entrevista no dia 25 de setembro de 2022).

Alguns de nossos entrevistados já tiveram a vivência de sair da aldeia e morar na cidade, e tiveram seu retorno para a aldeia. Questionamos então essa vivência para entendermos o que os levou a retornar ao seu povo:

> Eu prefiro morar na aldeia do que na cidade. Na hora de eu levantar de manhã antes de nascer o sol ouvindo os pássaros cantando tomando o café pra poder trabalhar agradecendo a Deus. Porque na aldeia tem tudo de bom que a natureza proporciona de manhã eu tomo banho no rio bem verde e clarinha é muito mais melhor tomar banho no rio do que no chuveiro, viver na aldeia e tudo de bom você sente o vento fresco batendo na sua cara. Quando é dia do meu trabalho eu durante a semana eu vou na escola fazer meu trabalho que é muito gratificante porque eu moro na aldeia e tenho o meu trabalho na aldeia, quando não é dia do meu trabalho eu faço algumas coisas tipo andar um pouco fazer visita algumas famílias da outra aldeia, coletar frutas silvestres, limpar a minha roça cuidar pra formiga não estragar, pescar, fazer limpeza ao redor da casa, viver na aldeia e bom porque toda a tarde tem aquela todas de conversa em frente de casa conversando trocando ideias com a família, assistindo a molecada brincar vendo o movimento que há na aldeia. Durante o dia além desses meu trabalho que eu faço tem muito mais quando há reunião eu saio da aldeia para

> que eu possa participar dessas reuniões que é voltado ao interesse do meu povo. Além desse trabalho que eu faço estou abrindo uma nova aldeia só pra mim e minha família porque estamos fazendo um ponto turístico para que as pessoas venham conhecer o cotidiano do Háliti-Paresi, vivenciar a vida nossa com as belezas naturais, animais e a preservação do meio ambiente (Acadêmico Haliti-Paresi em entrevista no dia 16 de fevereiro de 2023).

A cultura é de suma importância, porque ela que vai dizer qual é sua origem, ela é importante porque ela é uma identidade e tem que ser valorizado pra transmitir geração a geração. A cultura de um povo está enraizada em qualquer indivíduo vão desde objetos e ações, armar rede, caça pesca, falar, jogos, comidas, danças, festas. Agora uma pessoa tem que saber da sua cultura a sua identidade para poder sair do seu território se não souber e quando sair se ela não souber a sua identidade ela será qualquer ou uma pessoa perdida numa sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas coisas passam pela minha cabeça ao escrever esta última seção, os caminhos percorridos até aqui foram desafiadores, repletos de momentos altos e baixos, contudo gostaria de iniciar expressando meus sinceros agradecimentos aos meus orientadores “Alceu Zoia e Jonathan Stroher” por acreditar nesta pesquisa. Grandes pesquisadores da temática indígena e foi um grande prazer estar nesta empreitada científica ao lado de cada um, construindo ciência, perpetuando conhecimentos, questionando saberes e criando novas reflexões.

Ser aluno do PPGEDU foi sem dúvidas um dos meus maiores desafios na área profissional. Compreender a historicidade da educação do povo brasileiro permitiu abrir meus horizontes para uma melhor compreensão do mundo. Muitos saberes necessários entre as disciplinas ofertadas, grupos de estudos, seminários e afins.

A forma com que busquei estudar os povos indígenas nesta pesquisa foi muito especial, foi tudo muito novo, apesar de uma possível tentativa de associar a minha primeira graduação (Educação física) as práticas corporais destes povos, que aproximaria, mas da ideia de como seria a “educação física” desses povos. O início se passa por diversas ideias, que acabaram sendo organizadas para que esta pesquisa fosse possível de ser realizada. Acontece que não podemos tratar um povo como um outro, é necessário entender as diferenças e assim respeitá-las. E com isso iniciamos os estudos dos conceitos para ser possível escrever sobre tal assunto. Enfim expliquei tudo isso detalhadamente na minha introdução.

Os conceitos estudados como corpo, cultura, práticas corporais, interculturalidade, colonialismo, fenomenologia e outros, foram conceitos que eu não havia estudado ou se estudei passou de forma despercebida, porém a compreensão desses conceitos me transformou de fato em um pesquisador. Fazer ciência é isso tirar as incertezas da cabeça, colocar no papel, buscar as teorias e ir a campo vivenciar.

Retomando o que discutimos na seção corpo e cultura compreendemos nesta seção a compreensão do conceito de corpo, e através de diversos descritores conseguimos entender o processo civilizatório que o corpo teve através do tempo, e a forma com que o corpo é tratado por outras culturas. Compreendemos que o corpo conta a história do seu povo, é através do corpo e suas manifestações, suas marcas, seus movimentos, que assim poderemos entender

sua história. O corpo através do tempo foi compreendendo melhor a sua função para uma melhor qualidade de vida.

Entendemos que o corpo cultural, é uma representação do viver de cada indivíduo. O tratamento desse corpo entre os distintos povos é diferente, portanto, a importância desse conceito para nós pesquisadores se fez necessário entender de uma forma geral a uma forma específica, como neste caso "o corpo para os povos indígenas", e isso modifica muito o seu entendimento.

Fomos atrás da antropologia para melhorar a nossa compreensão de corpo cultural. A antropologia nos objetiva a estudar diversos fatores como o comportamento humano, as culturas, as sociedades, os comportamentos antepassados, toda essa dimensão dentro do presente e do passado.

A cultura pelos olhos da antropologia é a definição da forma com que vive um determinado povo, como se alimenta, como se reproduz, como vive. E todos esses atos estão ligados ao corpo. Compreendemos assim o quão é amplo o conceito de corpo e cultura, e que seja o corpo para outros povos e suas dimensões e a cultura desses povos e de outros povos, esses estudos até nos indaga a ir além das fronteiras e buscar novos conhecimentos, para fazer comparativos, encontrar diferenças e semelhanças. Sendo assim, compreendemos que o fator que modifica esse conceito está ligado a cultura.

A construção da seção interculturalidade possibilitou um diálogo pertinente para a responder a problemática desta pesquisa. A educação intercultural

Autores como Fleuri (1999) nos ajuda na compreensão deste conceito, pois conseguimos entender que a interculturalidade nos possibilitou reflexões para melhor compreender o corpo, a cultura e a educação dentro dessa perspectiva. Vejamos que o corpo intercultural é onde habita as nossas marcas, as nossas histórias desde o nosso nascimento a nossa morte, é no corpo que a cultura se manifesta.

Um ponto necessário que gostaria de também trazer aqui nas minhas considerações finais, foi o fato da minha transformação como pessoa, pós ingressar no programa de mestrado. Vivia a minha vida e dentro da minha área, que é a educação física, não me importava com nada fora das fronteiras das minhas individualidades. Portanto, evidencio que ser estudante de mestrado abriu os meus horizontes, e me fez ter reflexões a respeito da educação, da cultura, da ciência. E me importar com o rumo do meu país, dos povos que aqui vivem, das minorias que muitas vezes têm suas vozes silenciadas. Muito se partiu das atrocidades do último governo. Vivenciei a pandemia, combatendo de frente o vírus, estive

nas barreiras sanitárias, nas fiscalizações, nas rondas, e sinto que foi necessário para a minha transformação e melhoria como ser humano.

REFERÊNCIAS

BERG, Heide Berg; ALBUQUERQUE, Maria do Socorro Craveiro de; POJO, Eliana Campos. M98c Módulo IV: Fundamentos da Educação. Brasília: Universidade de Brasília, 2008. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1H6nDzmPrEkjWHGl6LNXlgKCEOvnlyGlV/view Acesso em: 09 de fevereiro de 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues: A Quem Serve A Educação? Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., Salvador, v. 28, n. 56, p. 12-32, set./dez. 2019.

COMTE, Auguste. Curso de Filosofia Positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista/Auguste Comte; seleção de textos de José Arthur Giannotti; traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. _ São Paulo: Abril Cultural, 1978

DAÓLIO, J. Da Cultura do Corpo. 12. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

DULCI, Tereza Maria Spyer. MALHEIROS, Mariana Rocha. Um giro Decolonial a Metodologia Científica: Apontamentos Epistemológicos para Metodologias Desde e Para a América Latina. Espirales. Edição Especial. Janeiro 2021.

E. Marasca. Pedagogia Waldorf: Bases Epistemológicas De Uma Educação Potencialmente Salutogênica. Argumentos Pró-Educação Revista de Educação da Univas. Pouso Alegre – MG. 2019.

Ensaios sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty / Antonio Balbino Marçal Lima (organizador). – Ilhéus, BA: Editus, 2014. 126 p.

COSTA, Maria Heloísa Fenélon. REPRESENTAÇÕES ICONOGRÁFICAS DO CORPO EM DUAS SOCIEDADES INDÍGENAS: MEHINÁKU E KARAJÁ. Costa. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 7: 65-69, 1997.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara; ZONIZOKEMAIRÔ, Nilce. Educação Específica e Diferenciada: complexos culturais da língua materna Haliti-Paresi. **Revista Observatório**, *[S. l.]*, v. 7, n. 1, p. a4pt, 2021. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2021v7n1a4pt. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/11416. Acesso em: 6 nov. 2023.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de Pesquisa. 1ª edição: 2009. Direitos reservados desta edição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos, 1946-Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GRANDO, B. S. Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri – MT. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina – Centro

de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis – SC. 2004.

KAWAKAMIL, Érica Aparecida. Currículo, ruídos e contestações: os povos indígenas na universidade. Revista Brasileira de Educação v. 24 e240006 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1_ji7bNDl_FZPurJ8748VFFYgmlGkOrzs/view>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2022.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Revisão técnica e adaptação da obra: SIMAN, Lana Mara. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEONTIEV, Aléxis. *O Desenvolvimento do Psiquismo*. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

MARTINS, G. A.; PINTO, R. L. Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos. São Paulo: Atlas, 2001.

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. Educação infantil: construindo o movimento na escola. 5 ed. São Paulo: Phorte, 2005.

MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EDUSP, 1974.

MORI, A. C.; CRUZ, M. C. da; QUINTINO, W. P. Políticas linguísticas no curso de licenciatura intercultural da UNEMAT: manutenção e fortalecimento das línguas indígenas. **Revista de Educação Pública**, *[S. l.]*, v. 26, n. 62/2, p. 569–582, 2017. DOI: 10.29286/rep.v26i62/2.5499. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/5499. Acesso em: 6 nov. 2023.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf. Acesso em 20.jan.2022.

NASCIMENTO, Ronélia do. Ser criança na comunidade Munduruku. Cáceres/MT: Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Educação, UNEMAT, 2015. 166 f.

NASCIMENTO, Ronélia do; ZOIA, Alceu. A representação dos conhecimentos cosmológicos nas histórias orais e práticas culturais das crianças Munduruku. GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades –GeoAmbES, jul./dez.vol. 2, n. 1, p. 86-98, 2019. ISSN 25959026.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corporeidades: Inspirações merleau-pontianas. / Terezinha Petrucia da Nóbrega. Natal: IFRN, 2016. 307 p. il color. ISBN 978-85-8333-215-2

OLIVEIRA, Vitor Marinho de, 1943- O que é educação física? /Vitor Marinho de Oliveira. – São Paulo: Brasiliense, 2004. – (Coleção Primeiro Passos; 79)

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; GOMES, Daniel Pinto Educ. Fís., Esporte e Saúde, Campinas: SP, v. 16, n 2, p. 240-248, abr./jun. 2018. Disponível em:

<http:file:///C:/Users/Lucas/AppData/Local/Temp/Corporeidade%20e%20Fenomenologia,%20Corpo%20vivo%20e%20corpo%20vivido.pdf>. Acesso em: 31 de janeiro de 2022.

SANTIN, Silvino. Educação Física Outros Caminhos, Escola Superior de Educação Mica – UFRGS Rua Felizardo, 61190690-200 - Porto Alegre - RS, 2ª edição; 1993

SANTOS, Boaventura de Sousa. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social; tradução Mouzar Benedito. – São Paulo: Boitempo, 2007.

SAVIANI, Dermeval. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 10, n. 1, p. 72-83, mai. 2018. ISSN: 2175-5604.

SOARES, C. L. Educação do corpo: apontamentos para a historicidade de uma noção. Educar em Revista, Curitiba, v. 37, e76507, 2021

SOARES; Carmen Lúcia, SILVA, Ana Márcia. Corpos de um Brasil multicultural: diálogos entre arte e ciência. Iberoamericana, III, 10 (2003), 127-142.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1987.

VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo - SP: Martins Fontes, 2003. (Col. Psicologia e Pedagogia).

ZOIA, Alceu. *A comunidade indígena Terena do Norte de Mato Grosso: infância, identidade e educação*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, 2009.

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista I

- Por que para você é importante estar no curso de pedagogia intercultural?

- Como é a rotina das crianças na aldeia?

- Me fale sobre as pinturas que seu povo faz no corpo, quais os significados?

- Existe algum ritual, dança ou alguma celebração importante para seu povo? Se sim explique?

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista II

- Apresentação: nome, idade, etnia e a sua função na aldeia?

- Como é o seu cotidiano na aldeia? Como é viver na aldeia? Como é as relações? O que vocês fazem? como vocês se comportam?

- Na aldeia de vocês existe algum ritual que ele é extremamente importante para vocês?

- Como que ele acontece?

- Qual a importância desse ritual para você que está fazendo o curso de pedagogia intercultural indígena?

- Qual o sentindo e importância de cultura para você?